O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIX | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 22 DE FEVEREIRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 20 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:240

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

AVEIRO

FINALMENTE!

Telegrammas que publicamos em seguida, e que nos foram enviados ante-hontem de Lisboa, annunciavam-nos, pelas 5 horas da tarde d'esse dia, a queda do gabinete Dias Ferreira.

Até que emfim! Cahiu finalmente o homem mais pernicioso e mais fatal que o paiz tem conhecido á frente dos negocios da sua administração.

Graças a Deus!

LISBOA, 20 ÁS 4 H. DA T.

Campeão das Provincias—Aveiro

O ministerio acaba de pedir a demissão. Foram agora chamados ao Paço os srs. conselheiros José Luciano e Antonio Serpa.

Continua ainda a discussão das eleições no tribunal privativo. Y.

—

LISBOA, 20 ÁS 5 H. E 10 M. DA T.

Campeão das Provincias—Aveiro

A queda do gabinete foi recebida com geral applauso.

A decisão sobre as eleições, só pode ter logar ámanhã. Y.

—

LISBOA, 21, AS 4 E 10 M. DA T.

Campeão das Provincias—Aveiro

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro encontra até esta hora bastantes difficuldades para organisar o ministerio.

Correm diversos boatos sobre a formação de outros. Este não se affigura viavel para ninguem. Y.

Para onde caminhava aquelle homem, cheio de maldições e de ridiculo, para onde arrastava a dignidade da nação e a integridade das instituições, nem elle mesmo o sabia já! Crivado de espinhos e de abrolhos o caminho tortuoso que seguia, restava-lhe fechar os olhos e deixar-se cahir no abysmo que cavara. Era o que tinha a fazer.

Chegara á mais profunda degradação politica e á mais extraordinaria e revoltante preversão dos costumes e do patriotismo.

Não lhe importando a grave situação que o paiz atravessava, o sr. Dias Ferreira entregara-se por inteiro aos dislates de uma politica ignobil, cevando n'ella as baixissimas paixões que o inspiravam.

Levando o desgosto e a desordem a todas as estações publicas, destruindo tudo o que existia de util e de sagrado, aquelle homem levara tambem o terror e o luto ao seio das familias, a viuvez e a orphandade a dezenas de desgraçados. Foi o espectaculo que nos deixaram as eleições a que presidiu. Foram os fructos que elle nos legou.

Lançando ás faces do paiz a mais insolente provocação, reptando o povo á anarchia das paixões tormentosas e ao tumulto das represalias sangrentas, o sr. Dias Ferreira desafiara-o a sair da legalidade e a buscar na lucta pela existencia a paz que lhe roubara o usurpador audaz e atrevido.

Contra a brutalidade do poder, contra o repto do governo, o povo reagiu com o exemplo brilhantissimo de affecto á integridade da nação e de respeito ás instituições. Mas poderia manter-se assim por muito tempo? Não, que a paciencia tem limites; não, que a resignação tambem se esgota!

Cahiu, emfim, o governo! Embora tarde, foi ainda a tempo de deixar aos outros a tarefa de salvar-nos e de garantir a estabilidade do systema representativo. Ainda bem! Foi quanto fez de util desde que subiu ao poder.

Lega aos successores, além de outros, o espinhosissimo encargo de apagar o incendio que ateara a conflagração de todas as actividades do paiz, mas cahiu finalmente! Graças a Deus!

A nova situação politica

Retiramos o que mais haviamos escripto para este n.º, para collocar aqui o artigo que o principal orgão do partido progressista escreveu hontem. E' o que segue:

O ministerio presidido pelo sr. Dias Ferreira pediu a sua demissão. Incidentes politicos de natureza constitucional convenceram o governo, segundo a declaração que aquelle estadista fez hontem na camara dos deputados, de que não podia continuar a gerir os negocios publicos. Cremos que estes incidentes se reduzem á proposta do addiamento das camaras feita á corôa pelo chefe do gabinete demissionario, com fundamento na necessidade de negociar com os governos estrangeiros sobre a questão da reducção dos juros da divida publica, e á recusa do chefe do estado em annuir áquella indicação.

A proposta do addiamento proveiu de ter o governo recebido uma nota do governo allemão em termos energicos, contra o projecto de lei pendente na camara dos deputados. Parece que o governo francez tambem por sua parte tinha reclamado contra o mesmo projecto. Sem estranhar que o governo propozesse o expediente, que teve por mais consentaneo ás circumstancias, não podemos deixar de approvar o procedimento sensato e correcto do poder moderador. Na angustiosa conjunctura que vamos atravessando, não dispondo o governo da maioria em nenhuma das camaras, tendo contra si a opinião geral, faltando-lhe a força indispensavel para arrancar das commissões ou obter das camaras a approvação de qualquer projecto, por mais util que fosse, seria grave e indesculpavel erro encerrar as côrtes, quando para o seu julgamento definitivo se tinha appellado na questão pendente sobre a divida externa, e quando o proprio chefe do gabinete havia declarado urgentissima a sua resolução e indispensavel o augmento immediato das receitas publicas. Por mais que o dissimulassem, o addiamento seria considerado como um expediente politico, destinado a confirmar perante o paiz a confiança da corôa no sr. presidente do conselho, identificando-a com os interesses e tendencias da politica ministerial. No estado do parlamento e do paiz, a intervenção da corôa poderia parecer uma resposta imprudente ás manifestações da opinião, e se não era um perigo immediato, concorreria poderosamente para engrossar a propaganda do descredito, que vae minando dia a dia as actuaes instituições. Approvamos, por isso o acto do poder moderador.

*

Declarada a crise, e acceite a demissão do ministerio, consecutiva á recusa do addiamento, foram chamados ao paço para serem ouvidos sobre a crise os chefes dos dois partidos monarchicos, Antonio de Serpa e José Luciano. Não sabemos o que aconselharam a El-rei, mas somos informados de que apenas foram ouvidos sobre a melhor solução da crise, e que nem separada, nem simultaneamente, receberam qualquer encargo quanto á organisação do futuro gabinete.

Pelo que ao partido progressista se refere, a attitude do seu chefe foi perfeitamente conforme á que os seus amigos, de accordo com elle, teem seguido até hoje. Sempre temos declarado que não eramos concorrentes ao poder, mas nunca dissemos que o não acceitariamos quando a isso nos obrigassem as circumstancias, e quando fossemos convidados a assumil-o. Em presença da situação difficil e sob tantos aspectos grave, que flagella o reino, pareceu-nos que a todos se impunha o dever patriotico de pôr de parte a politica partidaria para só cuidar da immediata e indispensavel restauração da fazenda publica. Por isso não creámos difficuldades ao ministerio demissionario, que nos perseguira como irreconciliaveis adversarios, e cujos actos desapprováramos muito antes das eleições. Por isso muitas vezes declarámos que não disputavamos a herença do governo, e que de bom grado a deixariamos a quem se considerasse com animo e forças para vencer as formidaveis difficuldades que nos assoberbam. Mas os partidos fazem-se para governar. Essa é a sua legitima aspiração e o seu incontestavel direito. E' justo que se não deixem desvairar pela ambição, mas não póde admittir-se que recuem diante dos problemas da administração, ou só se declarem habilitados para dirigir a nau do estado em mares tranquillos e bonançosos. O seu dever é luctar na opposição, e no governo: alli para conquistar o poder: aqui para bem o exercer. Conforme com estas idéas, o partido progressista, desde 1890 até hoje, ainda, nem uma só vez, declinou a ardua missão de governar. E' certo que a não desejaria, e que só forçado por impreteriveis considerações de interesse publico, se prestaria, em dadas occasiões, a assumir essas tremendas responsabilidades, mas a verdade é que ha mais de tres annos nos temos limitado a auxiliar todos os que têem sollicitado o nosso concurso, pondo o bem publico acima das nossas legitimas aspirações, e não receiando o governo pela simples rasão de não termos tido ensejo de o recusar.

Diga-se isto como explicação aos nossos correligionarios, e como peremptoria resposta aos que todos os dias affirmam que os partidos monarchicos se têem declarado incapazes de resolver as difficuldades, que desde muito tem perturbado a situação politica e financeira do estado.

*

Á' hora a que escrevemos deve estar resolvida a crise. Foi chamado o sr. Hintze Ribeiro para organisar o novo governo. Teremos, pois, mais um ministerio regenerador, e é provavel que façam parte d'elle os srs. Franco Castello Branco, Moraes de Carvalho e Vilhena, que desde 1890 tem já feito parte de outros ministerios do mesmo partido politico. O sr. Franco entrará pela terceira vez no governo. Não se poderá dizer que aos nossos adversarios se não tenha proporcionado ensejo de concorrer para a salvação do reino.

O sr. Hintze é um homem honesto, um estadista de incontestavel merito, um notavel orador, e dispõe inquestionavelmente de apreciaveis qualidades para o logar eminente, a que chega na força da vida, e em pleno vigor das suas faculdades intellectuaes. Tem ambição e cremos que deseja engrandecer-se no serviço do paiz. Dos homens, de que se rodeiar, e dos actos da sua administração, dependerá o exito da escabrosa tarefa que tomou sobre os seus hombros.

A attitude d'este jornal em frente do novo gabinete não pode deixar de ser de franca e leal opposição. Não pode merecer-nos confiança um ministerio, de que façam parte os homens, cujos actos e cujos principios sempre temos combatido. Elles vão para o governo. Nós conservamo-nos onde estavamos. Ficamos na opposição, mas ficamos com as nossas idéas de abstenção politica, e de leal cooperação em tudo o que respeitar á immediata resolução do nosso gravissimo problema financeiro, e ás questões internacionaes. N'estes assumptos, pode o governo contar com o modesto concurso da nossa boa vontade.

E' pelos seus actos que apreciaremos o ministerio que se constituir. Opposição politica, clara e definida, desde o primeiro dia, aguardaremos os seus actos para os approvarmos, se nos parecerem consoantes aos interesses publicos, e para os combatermos se forem contrarios ás geraes reclamações da opinião publica. *Res, non verba.*

Plenamente d'accordo com as ideias do nosso collega da capital publicamos como inteiramente nosso o que acaba de lêr-se.

No que dizemos ha mais que sugeição disciplinar: ha inteiro e plenissimo accordo.

Aveiro, Ovar e Caldas

O partido progressista acaba de obter no tribunal de verificação de poderes um gloriosissimo triumpho.

Referimo-nos ás eleições de Aveiro, Ovar e Caldas, que o defuncto ministerio do sr. Dias Ferreira pertendia fazer annullar, valendo-se de todos os meios mais abjectos e immoraes que podiam recordar-lhe para chegar aos seus fins, sendo afinal o *fim* da sua triste existencia enegrecida o que primeiro chegou, perdendo com a vida governativa que imaginou immortal, a victoria da lucta em que se empenhava.

A sessão começou ás 10 hora e meia da manhã de ante-hontem, sob a presidencia do sr. conselheiro Rocha, compondo-se o tribunal dos juizes, srs. José Pereira, Bernardo Abranches, Sepulveda Teixeira, Anderson, Andrade e Pinheiro Osorio, secretariados pelo sr. Castello Branco. Discutiu-se em primeiro logar, a eleição de Nova Gôa, na qual tomaram parte os srs. drs. Vicente Monteiro e Reis Torgal, aquelle por parte do sr. Christovam Ayres e este como representante do sr. Fernando Arez. Foi relator o sr. Anderson juiz da Relação. Seguiu-se a esta o processo relativo á eleição dos Olivaes, cujo diploma de deputado foi conferido ao sr. Ferreira do Amaral, tomando parte na discussão o sr. dr. Abel Eduardo da Motta Veiga, como representante do deputado eleito, e o proprio deputado vencido, o sr. dr. Pereira Lima. Relatou o processo o sr. Bernardo Abranches, do Supremo. Entrou depois em discussão o processo relativo a Ovar, no qual só tomou parte o deputado eleito, sr. dr. Barbosa de Magalhães, sendo relator o sr. Anderson, da Relação. Não houve oppositor. Discutiu-se em seguida o processo sobre a eleição de Aveiro, de que foi relator o sr. Pinheiro Osorio, da Relação, e no qual tomou parte, defendendo os actos eleitoraes, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, representante dos srs. Francisco Barbosa Sotto-Maior, e conselheiro Albano de Mello. Depois entrou em discussão a eleição das Caldas da Rainha, que attrahiu ao tribunal grande numero de espectadores. O relator era o sr. dr. Andrade, da Relação de Lisboa, advogados os srs. drs. Barbosa de Magalhães, nosso prezado amigo e collega, e Elmano da Cunha.

Os debates foram muito interessantes fazendo brilhantissima allegação o sr. dr. Barbosa de Magalhães defendendo a eleição do sr. Francisco José Machado, em que fallou por mais de duas horas e com a sua grande proficiencia de advogado distinctissimo. Respondeu-lhe o sr. dr. Elmano da Cunha, que fez tambem uma oração habil, procurando, nem sempre com grande felicidade, contestar a poderosa e irrefutavel argumentação do seu esclarecido contendor, que é hoje uma das mais brilhantes glorias do foro e do parlamento portuguez. Sendo já tarde, o tribunal adiou o accordam final para o dia seguinte, dando conta d'esse resultado o telegramma que segue, e que recebemos aqui hontem, pouco depois das 7 da noite:

—

LISBOA 21, ÁS 6 H. DA T.

Campeão das Provincias—Aveiro

Foram aprovadas as eleições de Aveiro, Ovar, Caldas e Olivaes. Está por isso satisfeita a opinião publica. Y.

Ahi tem o sr. Dias Ferreira mais um desengano e mais uma lição. Que ella lhe aproveitasse, era o que mais desejariamos, se de tantas desillusões e de tantos exemplos alguma coisa lhe ficasse. Mas o sr. José Dias ha de ser sempre o mesmo homem sem senso, e o mesmo caracter sem brio e sem dignidade.

Congratulamo-nos com o partido progressista pelo novo triumpho alcançado, e abraçamos ardentemente o nosso distincto collega e brilhante causidico, sr. dr. Barbosa de Magalhães, pela grande parte que da gloriosa victoria lhe cabe.

Que desplante!

Depois de cahir miseravelmente, quando ainda ha poucos dias affirmava «estar no seu posto e não arredar d'alli o pé», depois de ter esgotado por completo a paciencia publica e de ter arrastado o credito do paiz pelas ruas da amargura e pela lama da deshonra, alem de todos os males que lhe causou, desorganisando, desmantelando, desmanchando, desmoronando todo o existente, o sr. Dias Ferreira escreve as seguintes linhas no n.º de hontem do seu jornal, o *Tempo*:

«Os nossos votos são que o paiz tenha um governo de quem se possa dizer mais tarde o que dizemos do actual: cahiu, mas ficou de pé.»

E' até onde pode chegar a desfaçatez e o atrevimento! Que coragem, e que cynismo! Ficou de pé, mas foi na lama, de onde se não tornará a erguer!

O novo ministerio

As ultimas noticias que, sobre o novo gabinete, chegam até agora ao nosso conhecimento, confirmam as anteriores, na hypotese da formação de um ministerio partidario, presidido pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

E' fora de duvida que o illustre estadista encontra graves difficuldades na resolução do problema, e que alguns dos homens apontados para o ministerio não são bem recebidos pelo paiz, porque elles na verdade não correspondem ás indicações da opinião.

No entanto, no novo gabinete, a ter de ficar assim composto, entram dois cavalheiros que nos merecem a mais franca e a mais completa sympathia.

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro possue os mais elevados dotes de intelligencia e de caracter, e é, de entre os seus amigos, o estadista de mais largo folego e o pulso de mais rija tempera. Do seu talento e dos seus grandes merecimentos, rezam uma historia sã de não poucos annos de vida ministerial e parlamentar. Do seu caracter pundonoroso e altivo, dos seus patrioticos sentimentos e dos seus brios fidalgos, fallam bem alto o respeito e a consideração que a todos merece.

O segundo é um dos mais distinctos officiaes do nosso exercito, uma gloria do militarismo portuguez, herdeiro de tradições nobilissimas, caracter cheio de brio e consciencia immaculada, um d'esses homens hoje tão raros, cuja austeridade de principios e cujo passado sem manchas são um penhor valioso para todos, e cujos precedentes cavalheirosos são garantia segura d'um futuro digno e honrosissimo.

Referimo-nos ao tenente-coronel de estado maior, sr. José Estevam de Moraes Sarmento, cujo nome folgamos de ver na lista ministerial. Estes dois cavalheiros merecem-nos inteira sympathia, e serão, por assim dizer, a alma do ministerio. Oxalá que, a ficar representado no poder o partido regenerador, elles façam parte do gabinete.

Os annuncios officiaes

A questão dos annuncios, em jornaes privativos, soffreu um golpe terrivel com a queda do gabinete Dias Ferreira, pois qualquer que seja o governo que tenha de o substituir é positivo que não perfilhará semelhante disparate. Aquillo não passou de *isca* para os papalvos, e ainda bem.

O que sobre o assumpto se passou em Coimbra, entre os directores d'alguns jornaes, é simplesmente vergonhoso. Os que procederam honrada e lizamente merecem a nossa consideração e a de todos os caracteres dignos.

JUBILEU EPISCOPAL

O vulto proeminentissimo do grande Papa Leão XIII, teve tambem em Aveiro consagração condigna no dia 19, quinquagesimo anniversario da sua elevação ao episcopado. A's manifestações de todo o orbe catholico realisadas n'aquelle dia, juntaram-se as d'esta sempre religiosa cidade.

Na egreja parochial de Nossa Senhora da Apresentação, séde da freguezia da Vera-Cruz, realisou-se um solemnissimo *Te-Deum*, por iniciativa do seu illustrado parocho e muito digno arcipreste, sr. Manuel Ferreira Pinto de Sousa. O templo estava simples mas elegantemente decorado, havendo principalmente na capella-mór grande numero de luzes e muitissimas flores. Não houve convites especiaes; pois apesar d'isso e de chover torrencialmente, o templo encheu-se. O numero de ecclesiasticos que assistiu era superior a vinte, vendo-se tambem largamente representadas as mesas directoras das irmandades do Santissimo da Vera-Cruz e Gloria, de Santa Joanna Princeza, Senhor do Bemdito, Nossa Senhora da Apresentação, Senhor dos Passos e Coração de Maria. Officiou o sr. dr. Antonio José Rodrigues Soares, que foi quem levantou o *Te-Deum*.

No fim da solemnidade, que foi deveras grandiosa, o sr. arcipreste foi muito cumprimentado.

*

Na real egreja de Jesus houve, pelo mesmo motivo, *laus perenne*, e ao fim da tarde *Te-Deum*. O Collegio de Santa Joanna Princeza associou-se tambem assim ás manifestações feitas em honra de Sua Santidade Leão XIII.

CARTA DE LISBOA

21 DE FEVEREIRO DE 1893.

Como lhe disse nos telegrammas que lhe tenho transmittido, o governo a que presidiu o sr. Dias Ferreira deixou de existir. Depois de apertado por circumstancias graves, convencido, emfim, de que a lucta pela existencia lhe era já impossivel, cedeu á força d'estas circumstancias e entregou o poder nas mãos d'El-Rei, d'onde, para credito seu e para bem do paiz nunca o devera ter recebido. O sr. Dias Ferreira foi o ministro mais obnoxio, o politico mais prejudicial que o paiz tem conhecido. A sua vida politica e administrativa foi um continuado de escandalos como jámais se viram em tempo algum; e não foi só de escandalos que viveu, foi tambem de crimes, que a historia registará com assombro.

As suas declarações na camara, na sessão de hontem, foram muito succintas. S. ex.ª chegou alli seriam 3 horas. Ia pallido e tremulo, exauto de forças e de vigor, quasi que mesmo não conhecendo os amigos que se lhe approximavam. Entrado na bancada, pediu a palavra, que lhe foi concedida, disse: «que incidentes politicos de natureza verdadeiramente constitucional, convenceram o governo de que não podia nem devia continuar na gerencia dos negocios. Em virtude, pois, da resolução do conselho de ministros, acabara n'aquelle momento de entregar á corôa o poder que ella lhe havia confiado e que Sua Magestade el-rei se dignara acceitar a demissão do gabinete. Deve apenas informar a camara, porque para isso o auctorisou o mesmo augusto senhor, de que ainda n'esse dia seriam chamados ao paço por causa da crise, dois conselheiros de estado, chefes de partidos monarchicos, os srs. Antonio de Serpa Pimentel e José Luciano de Castro. Desde que faz esta declaração da abertura da crise, as praxes parlamentares vedavam-lhe entrar em quaesquer outras explicações, que se poderiam dar, mas não n'aquelle momento, nem n'aquelle logar.»

Depois retirou-se, e a camara encerrou os seus trabalhos. Diz-se que o seu testamento e o de seus collegas será abundante até de escandalos. Venha agora o que vier, o que é certo é que o paiz está livre do seu mais feroz inimigo. Folgam com isso todas as classes e os que mais sentem pelo bem d'esta pobre nação, por quasi 14 longos mezes entregue á dominação d'um homem que não fez mais que destruir, não edificando nada util. O paiz, porém, paga-lhe com vantagem, pois que mal diz a hora em que elle subiu ao poder, podendo bem affirmar-se que não houve talvez em paiz algum do mundo um homem politico que mais aversões reunisse.

— Como lhe disse nos meus telegrammas de hontem e de hoje, a questão das eleições d'Aveiro, Ovar e Caldas, não se resolveru definitivamente na segunda-feira. Como os debates sobre o processo das Caldas fossem muito demorados, e como havia cinco processos a julgar, o tribunal deixou para hoje a publicação dos accordãos, e estes acabam de ser publicados. Em vista d'elles são deputados por Aveiro os srs. Francisco Barbosa da Cunha Sotto Maior, Albano de Mello Ribeiro Pinto e Carlos du Bocage; por Ovar o sr. José Maria Barbosa de Magalhães, e pelas Caldas o sr. Francisco José Machado. Entram, pois, na camara, mais quatro deputados progressistas, e não entram todos pelo desastre succedido ao nosso honrado amigo, sr. conselheiro Albano de Mello. E' mais um reforço valioso, mais ainda pela qualidade que pelo numero. O processo das Caldas foi muito debatido, pois que só o nosso amigo, sr. Barbosa de Magalhães fallou duas horas. O sr. Elmano da Cunha, que combateu a eleição progressista, fallou menos, mas sempre com calor, pois que é, como todos sabem, um advogado muito distincto. Apesar d'isso o resultado foi-lhe menos favoravel, pois que nunca foi facil a quem quer que seja vencer, em tribunaes que se prézem, a causa da justiça, e o nosso amigo capitão Machado tinha-a inteira no pleito que lhe moveram os odios do malfadado sr. Dias Ferreira. A sala do tribunal, que é fartamente espaçosa, esteve sempre, durante a discussão, repleta de espectadores. Veio gente do circulo em abundancia, e de Lisboa foram pessoas de todas as classes presenciar os debates. O nosso amigo Barbosa de Magalhães foi mais uma vez como sempre, grande na arte da palavra. O tribunal esteve sempre preso ás attenções que tão distincto orador sabe conquistar. Foi um triumpho enorme o que n'esse dia conquistou o illustre filho d'Aveiro. Tres eleições contestadas, todas vencidas pelo famoso causidico e pelo habil politico, em trabalho de um só dia, é verdadeiramente assombroso! As honras do dia couberam-lhe inteiras e de muitos amigos politicos tem elle recebido já as mais cordeaes felicitações. Merece-as muito geraes quem tão alto se está collocando. O dr. Barbosa de Magalhães, é o advogado do partido, porque é de entre tanta distincção que o partido tem, a mais pura e a mais grandiosa gloria no fôro.

— O nosso muito presado amigo e correligionario sr. visconde de Melicio, foi eleito presidente honorario da Associação Industrial Portugueza. Esta eleição significa quanto é justamente apreciado o seu elevado caracter.

— Sua magestade a Rainha D. Amelia, andou hontem pelos sitios do Bairro Alto e Santa Catharina, distribuindo esmolas aos necessitados, que ella já muito bem conhece. A illustre Senhora era apenas acompanhada por uma das suas damas de serviço.

— O breve que santifica o dia de S. José, será apresentado n'uma das proximas sessões do parlamento. Este anno o dia 19 é ao domingo.

— Está gravemente enfermo o sr. Manuel d'Assumpção, antigo ministro d'estado.

— Thomaz Ribeiro, o assassino de sua esposa na serra de Monsanto, suicidou-se na prisão ingerindo uma porção de massa phosphorica. O seu finamento, ou melhor os ultimos dias da sua existencia foram torturados por angustias crueis: soffreu muito o desgraçado, e teve por isso tempo de arrepender-se dos maleficios que na terra praticou. Que Deus se compadeça do assassino, que o foi em elevado grau, segundo se affirma.

— As noticias que chegam de toda e parte affirmam que a certeza da quéda do ministerio Dias Ferreira foi recebida com enthusiasmo, com musica e foguetes em muitas das povoações do paiz. Nem podia deixar de ser—por que contra elle se tinham levantado as mais justificadas indisposições.

— Hoje houve sessão na camara dos pares, que durou pouco. O sr. Dias Ferreira foi alli repetir o que havia dito hontem na camara electiva, e em seguida, depois de prestar juramento o sr. Franco Frazão, encerrou-se a sessão.

Na dos deputados não houve sessão, nem a tornará a haver em quanto não houver ministerio constituido.

— Agora um dos primeiros actos do novo gabinete, seja elle de que parcialidade fôr, será a nomeação do sr. Dias Ferreira para par do reino.

— Para o Banco de Portugal chegaram hontem de Inglaterra mais réis 700:000$000 em notas.

— Sabe-se já que a maior parte dos governadores civis pedirão a sua exoneração logo que esteja constituido governo. Alguns nem esperarão por isso, sendo o de Coimbra talvez um dos primeiros a abandonar o posto.

— Se o governo for genuinamente regenerador, em questões que não sejam de pronunciado interesse publico, o governo pode contar com 76 deputados de opposição.

— Despediram-se da redacção do *Correio Nacional*, os srs. Luiz José Dias, Santos Viegas e Armando da Silva.

— A'manhã verifica-se no respectivo templo a lavagem da Imagem do Senhor dos Passos, serviço que é sempre feito devotamente pelas senhoras fidalgas lisbonenses.

— O sr. Arthur Prat, professor em Portalegre, foi transferido para a escola industrial de Xabregas em Lisboa. Y.

—

A' ultima hora.— Está effectivamente encarregado de formar ministerio o sr. Hintz Ribeiro. Se formará uma combinação viavel, ha muito quem duvide. Os da velha guarda, os srs. Pinheiro Chagas e Julio de Vilhena, convidados para entrar no gabinete, responderam que só entrariam com o sr. Antonio de Serpa. O sr. Hintz tem procurado auxiliares até nos partidos oppostos. Do illustre chefe do partido progressista ouviu— que não podia ser agradavel ao novo gabinete senão no seu proposito, se o tinha, de organisar a questão de fazenda: isso e mais nada.

Ha quem duvide de que sob taes auspicios se organise um governo que dure mezes sequer. Em seguida á sua formação, as camaras serão addiadas por 30 dias.

O governo provavel será composto, a poder-se organisar, dos srs.:

Hintze Ribeiro, presidencia e fazenda; Franco Castello Branco, reino; fazenda Moraes de Carvalho; obras publicas, Fuschini; guerra, Moraes Sarmento; justiça, Antonio d'Azevedo; marinha, Carlos Lobo d'Avilla.

E' de crer que a formação d'um gabinete n'estas condições levante logo na imprensa grande opposição. Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.— Anha-se melhor dos seus incommodos o nosso amigo, o sr. Manuel Neves Ribeiro, digno escrivão de fazenda no concelho d'Estarreja, o que muito estimamos.

— Acha-se na sua casa de Carregosa, concelho de Oliveira d'Azemeis, o nosso estimado amigo, sr. dr. Antonio Simões dos Reis. Demora-se alli alguns dias, em companhia de sua ex.ma e muito respeitavel esposa.

— Na quinta-feira partiu para a sua comarca de Amarante, o digno juiz de direito e nosso presado amigo, sr. dr. Alexandre de Sousa e Mello.

— Estiveram alguns dias d'esta semana em Albergaria, o sr. dr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, e sua ex.ma filha, sr.ª D. Helena d'Albuquerque Corrêa Telles.

— Chegou na sexta-feira a Agueda, para acompanhar sua ex.ma esposa, enferma, o sr. dr. Antonio Rodrigues Pinto, sub-delegado de saude em Lisboa e um dos clinicos mais distinctos da capital. Desejamos a sua ex.ª o completo restabelecimento.

— Chegou a esta cidade o sr. Manoel Lopes d'Almeida, agronomo d'este districto.

— O sr. Augusto Pereira Soares foi nomeado definitivamente escrivão de fazenda do concelho de Anadia.

— Passa hoje o anniversario natalicio da filhinha mais velha do nosso chorado amigo e brilhante jornalista, Fernando de Vilhena, de nome Maria do Amparo. As nossas felicitações a sua ex.ma mãe, e os nossos votos mais ardentes por que a Providencia reserve á sympatica creança um futuro cheio de felicidades.

— Noticias que procurámos saber do nosso amigo e deputado por este circulo, sr. conselheiro Albano de Mello, dão-nos o illustre enfermo muito melhor dos seus incommodos. Congratulamo-nos com o facto, e fazemos ardentes votos pelo seu rapido estabelecimento.

— Tem passado ultimamente incommodado de saude, mas acha-se felizmente melhor, o que estimamos, o nosso sympathico amigo e digno vereador da nossa municipalidade, sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas.

— Tem estado com uma bronchite, que felizmente se vae debellando, a interessante filhinha do nosso prezado amigo e habil clinico d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz. O restabelecimento prompto da galante creança, é o que deveras desejamos.

— O nosso prezado amigo e digno escrivão e tabellião d'esta comarca, sr. Severiano Juvenal Ferreira, tem guardado o leito ha 4 dias, com um incommodo da garganta. Está tambem felizmente melhor, o que nos é grato noticiar.

— Tivemos hontem o prazer de abraçar o nosso amigo e festejado actor comico, Dias, que vezitou o nosso commum amigo, o sr. Francisco Gamellas, acreditado negociante.

Fallecimento. — Depois d'uma prolongada enfermidade, que ha muito lhe vinha minando a existencia e que ultimamente se lhe aggravou, finou-se na sua casa de Castellões o sr. visconde de Baçar. O finado, era juiz de direito de 1.ª classe, aposentado, exercendo sempre com uma distincção exemplar as funcções do seu elevado cargo. Das suas qualidades individuaes e do seu bom caracter, fallam bem alto os seus numerosos amigos, que tinham pelo extincto verdadeira veneração, e os pobres, que tinham n'elle um amparo solicito sempre que o procuravam.

A seu ex.mo irmão, o nosso amigo, sr. Antonio Thomaz de Rezende Abreu Freire, e a seu estremecido sobrinho e herdeiro, sr. José Maria de Rezende Abreu Freire, enviamos a expressão sincera do nosso pezame.

Mais.—Finou-se em Mogofores, victimada por uma pneumonia, a sr.ª Baroneza do Cruzeiro, uma senhora que foi sempre modelo de virtudes e um caracter exemplarissimo. Com o seu passamento, que é geralmente sentido, soffrem sobre tudo os pobres da localidade, que a illustre fidalga soccorria com um disvello e uma solicitude verdadeiramente maternal. Páz á sua alma sempre boa e sempre nobre. Ao desolado marido, a seu ex.mo mano e cunhados os nossos sentidos pezames.

As procissões.— A da Cinza não póde sahir no domingo em consequencia da copiosa chuva. Como o tempo continuasse mau na segunda-feira, a meza resolveu desmanchar os andores, não sahindo a procissão este anno. A dos Passos sempre sahe no domingo, por subscripção entre os devotos, devendo a veneranda imagem vir na sexta-feira á noite para o Carmo, onde estará em exposição aos fieis na noite de sabbado.

Laranja.—As casas exportadoras d'esta cidade principiaram já a preparar a laranja, com destino aos mercados inglezes. Nos ultimos dias teem chegado aqui numerosos carros d'esta fructa.

Repetição d'eleição. —Foi marcado o dia 5 de março para a nova eleição da camara municipal do Pedrogam Grande por haver sido annullada a primeira.

Exposição Districtal. —Na Guarda pensa-se em realisar uma exposição districtal agricola, industrial e pecuaria.

Febre amarella. — A bordo do paquete *Rei de Portugal*, de que é commandante o nosso patricio sr. Augusto Dias Cura, ha pouco entrado no Tejo, falleceram durante a viagem, de febre amarella, seis passageiros e o medico de bordo que sucumbio a um ataque quasi fulminante. O sr. Augusto Cura foi tambem atacado pela terrivel febre,mas melhorou felizmente. Durante alguns dias,como a febre atacasse mais alguns passageiros, e ainda bastante doente, teve o digno commandante de lhes servir de medico até que na Bahia, depois de muito trabalho, poude arranjar um que veio até Lisboa. Durante a viagem do Brazil para Lisboa, lançou-se ao mar um desgraçado rapaz que vinha sob prisão. O sr. Dias Cura, ainda em convalescença, seguio viagem para o Havre.— Diz isto a *Soberania*.

Notavel.—O anno corrente apresenta uma singularidade notavel. Como é sabido, cada anno, afora os bisextos, conta apenas 52 domingos. Pois o anno corrente contará mais um. Foi domingo o 1.º de janeiro e será domingo o ultimo de dezembro. O facto não se repetirá durante este seculo.

As bruxas.—Conta o nosso collega a *Soberania do Povo*:

Dois sujeitos, tio e sobrinho, foram no domingo de tarde ao Gravanço, e ahi estiveram divertindo-se. Comeram e beberam. A' noite retiraram-se para suas casas, na villa. Andaram, andaram, as horas passavam, e não conseguiam chegar ao seu destino. De vez em quando davam a sua queda. Elles viam na frente luzes diversas, que se crusavam, desciam, subiam. Parecia uma dança luminosa, que os deixava perturbados e vaedosos. Os dois viajantes diziam que era uma associação de bruxas, que os conduzia atravez dos mattos, e attribuiam a perseguição a umas mulheres que os tinham visto beber vinho e a quem elles não offereceram nada. As bruxas eram essas mulheres.]Os homens ouviram depois uma voz. Pediram soccorro. A voz disse-lhes que se acautelassem, que iam a descer para o Alfusqueiro e se dessem mais alguns passos se despenhariam no rio.

Elles estavam defronte da povoação da Cernada, na freguezia do Prestimo, muito longe. A pessoa que lhes falou veio encaminhal-os, e os dois passeiantes poderam acertar com a estrada, chegando a suas casas depois da meia noite, muito escalavrados. E ainda se não hade acreditar que ha bruxas!

Feira. — Realisou-se na quarta-feira ultima na freguezia de Biduido a feira mensal de Santo Amaro. Foi pouco concorrida. A chuva de manhã desanimou muitissimo os concorrentes, deixando a maior parte d'elles de alli irem, por esse motivo.

Importa saber. — Constando ao sr. arcebispo de Braga que alguns ecclesiasticos do seu arcebispado, com o titulo de monsenhor e honras de prelados domesticos de sua santidade, celebravam pontifical com annel, advertiu-os sua ex.ª reverendissima que tal não fizessem, porque isso é um privilegio dos arcebispos e bispos, pois que, a continuar semelhante abuso, vêr-se-ha obrigado a tomar as devidas providencias.

Cantores portuguezes.—O tenor Antonio de Andrade está actualmente em Roma e seu irmão o baritono Francisco de Andrade, em Berlim.

— Estreou-se no theatro de Alexandria, com muito exito, uma nova cantora portugueza, a sr.ª D. Joaquina Fernandes.

— D. Augusta Cruz foi escripturada para cantar as *Vesperas Secilianas* no theatro Filarmonico de Verona.

— D. Maria Judice da Costa estreou-se ha dias no S. Carlos de Napoles, cantando a *Favorita*. Foi muito applaudida.

Mercado abundante. —No ultimo mercado de cevados em Evora, diz um collega nosso, concorreram mais de dois mil porcos, vendo-se alguns de pezo superior a 250 kilos— 16 arrobas. Fizeram-se compras para Aldeia Gallega e para Hespanha. Para o paiz visinho compraram-se mais de 600 que foram d'alli a Badajoz para seguirem, no caminho de ferro, para Madrid. A camara municipal prorogou o mercado até ao fim do presente mez.

Patriarcha das Indias. — Embarcou na India a 25 de janeiro, seguindo viagem para Lisboa e Roma, o sr. D. Antonio Sebastião Valente, arcebispo primaz de Gôa e patriarcha das Indias Orientaes. Diz-se que a rasão d'esta viagem são umas questões levantadas pela congregação da *Propaganda Fide* com relação ao nosso padroado no oriente. Ficou governando a diocese, durante a sua ausencia, o reverendo vigario geral e desembargador, conego Narciso Archanjo Fialho.

Partido medico. — Está a concurso o partido medico de Mira com o ordenado annual de 400$000 réis e pulso sugeito á tabella camararia.

Os tratamentos contra o milvdiw. — Devemos começar a lembrar-nos de que teremos de combater, com energia, esta terrivel cryptogama, que tamanhos estragos tem feito, tendo sido ainda no ultimo consideraveis os prejuizos que causou a uma grande parte das nossas vinhas, diz a *Vinha Portugueza*. E' tempo de verificar o estado de bom funccionamento em que se encontram os apparelhos para applicação dos preservativos contra esta doença, a fim de requisitar a tempo as peças que por ventura se achem deterioradas, e proceder a quaesquer reparações de que os differentes apparelhos careçam, para se estar prevenido no momento preciso, para o combate, segundo as indicações que tantas vezes aqui temos dado e que opportunamente repetiremos. Sendo o sulfato de cobre, como evidentemente está provado, o unico preservativo eficaz contra o mil₫iw, é preciso não nos deixarmos illudir pelo preço baixo porque muitas vezes apparece annunciado, por quanto este producto, de facil falsificação, não é muitas vezes mais do que o sulfato de ferro, e de zinco, com uma pequenissima percentagem de cobre, de modo que da applicação de um tal producto, por barato que seja, resulta, alem do descredito para o tratamento, um prejuizo consideravel, que, sabemos, muitos dos nossos viticultores tiveram ainda no ultimo anno, por se não terem servido de sulfato de cobre puro.

A seu tempo diremos os meios faceis e seguros de verificar a pureza de este sal, e obstar á fraude que infelizmente tantas vezes se tem repetido.

A noiva do principe Fernando da Bulgaria. — Já participou o telegrapho que a noiva escolhida pelo principe Fernando da Bulgaria é a princeza Maria Luiza de Parma. Segundo uma folha estrangeira, esta princeza tem 23 annos, foi creada no castello de Schwarzan, proximo da antiga residencia do conde de Chambord em Frohsdorf, que pertenceu por heranca ao pai da princeza.

Homenagem a Verdi —Um telegramma de Milão noticia que o auctor do *Falstaff* recebau ha dias uma prova de apreço que muito o penhorou. Os artistas milanezes, pintores e esculptores, fizeram no circulo da Familia uma exposição distinctissima para a qual convidaram todas as notabilidades da cidade. Depois, no meio de applausos enthusiasticos, offereceram ao grande «maestro», a titulo de homenagem, todas as obras expostas.

Lesseps pae e filho. —Traduzimos do *Temps* os seguintes pormenores da entrevista que Charles Lesseps, auctorisado pelo presidente do gabinete francez, teve com seu pae, o *grande francez*, na propriedade de la Chesnaye.

Eram 8 horas da manhã quando Carlos de Lesseps entrou no quarto de seu pae. O velho, já accordado, estava ainda na cama, tendo na mão jornaes de fevereiro do anno findo, que «procurava» lêr.

— Bons dias, pae, disse-lhe: Pude furtar-me ás minhas occupações e aqui me tem.

— Ah! Carlos... és tu, respondeu o velho. E's tu... Não ha nada de novo em Paris ?

Depois Fernando de Lesseps abraçou affectuosamente o filho, repetindo:

«Ah! Carlos... Ah! Carlos...»

E foi tudo. Recahiu em seguida no seu estado ordinario, somnolento e, de tempos a tempos, fixando os olhos claros e brilhantes sobre as pessoas presentes. A condessa de Lesseps assistia á entrevista e á entrada da porta do quarto estavam os dois inspectores de policia que tinham acompanhado Carlos. O correio, que chegou um pouco antes da hora do almoço, trouxe para Fernando de Lessepse 102 cartas e 9 telegrammas:

—Chegam de todos os pontos da Europa — disse Mme Ferdiuand de Lessepes. E' a nossa grande consolação nas horas de desgraça que atravessamos e nunca poderemos exprimir sufficientemente a nossa gratidão aos amigos, conhecidos ou desconhecidos, que nos testemunham os seus sentimentos de affeição e estima.

O jantar foi muito simples. Ferdiand de Lesseps comeu com excellente appetite, cabeceando de quando em quando e encostando o queixo á bengala que nunca o abandona e que, mesmo nas horas de refeição, conserva entre os joelhos. De tempos a tempos, olhava para os filhos. Carlos e Victor, sem proferir palavra. Uma vez sorriu-se para Carlos, abrindo a bocca para fallar, mas fecharam-se-lhe logo os labios. Depois fixou a condessa, e, deixando cahir a cabeça, adormeceu.

Findo o almoço, levaram-n'o para um gabinete onde elle folheou durante alguns instantes um velho numero da «Revista dos dois mundos».

Os medicos que tratam o *grande francez* são de opinião que, se Lesseps não vir frequentemente o filho, pode essa ideia tornar-se fixa e sobrevir-lhe uma febre que o mate em pouco tempo.

No Transvaal.— Dizem de Pretoria que pódem ser considerados como decisivos os resultados conhecidos ácerca da eleição presidencial. Kruger é reeleito presidente de Transvaal com uma maioria de cerca de 1:300 votos, apesar do seu concorrente, o general Joubert, ter obtido na capital uma maioria consideravel sobre o seu antagonista.

Egualmente dizem de Pretoria que chuvas torrenciaes causaram em quasi todo o territorio transvaliano terriveis inundações, especialmente no districto de Raudberg, que é o das minas de ouro. Alguns poços ficaram inundados, muitas casas desabaram e as linhas ferreas soffreram grandes estragos. Ignora-se ainda o numero das pessoas que pereceram.

Italia. — A imprensa independente dirige duros ataques ao governo, accusando-o de ter faltado aos seus compromissos de nivelar o orçamento sem recorrer a novos augmentos de impostos. O plano economico do ministerio baseia-se no augmento de direitos sobre o assucar e o tabaco, e no monopolio do petroleo e do alcool, além de outras medidas que sobrecarregam o contribuinte em 90 milhões de libras, carga que o paiz já não poderá supportar.

Egypto.—O *Daily News* publicava no seu numero do dia 15 um telegramma do Cairo, reproduzindo o boato de uma proxima modificação no ministerio egypcio. Ha por este motivo receios de um novo conflicto com a Inglaterra.

Pena de morte.—Sabbado ultimo foi executado em Ceuta um tal Gregorio Montañez, *o Corneta*, natural da Zaragoza, que foi condemnado á morte por ter assassinado dois companheiros de prisão. Gregorio já por uma outra vez fôra condemando á pena capital por ter ferido gravemente o corteneiro-mór do regimento, em que elle estava alistado. Quando estava já de oratotio, recebeu o indulto, mas teve de ir para Ceuta, soffrer a pena de reclusão perpetua.

N'este presidio teve cinco castigos, por questões com os companheiros, até que no dia 14 de julho do anno passado praticou os dois crimes de homicidio a que já nos referimos. Foi então novamente condemnado á morte.

Emquanto esteve de oratorio fez alarde de grande serenidade de animo, chasqueando com extraordinario cinismo da sua terrivel situação; mas não devia ser muita a sua tranquillidade quando o pulso accusava 110 pulsações. Entre outras coisas disse que se não suicidára porque desejava que o governo gastasse com elle *as quatro pesetas que custavam os cartuchos*.

Referindo-se ao indulto declarou que o não acceitaria por coisa nenhuma d'este mundo. Chegada a hora da execução disse;

— Vamos lá dar o ultimo passeio!

Depois, já ao pé do patibulo, deu a um companheiro alguns charutos, e uma peseta para uqe comprasse tabaco para os soldados que o deviam fuzilar.

Despediu-se do sacerdote abraçando-o e quando lhe quizeram vendar os olhos oppoz certa resistencia, que depressa foi vencida. Momentos depois tudo estava terminado.

Brazileiros e hespanhoes. — Os jornaes de Madrid, do correio de hontem, dizem que o representante de Hespanha no Brazil, por ordem do ministro dos estrangeiros, marquez de Vega de Armijo, fez as reclamações competentes por causa de um attentado commettido contra um subdito hespanhol chamado Vicente Gonzalez Perez.

Pelo que informam os referidos jornaes, Gonzalez Perez foi preso como recruta e apresentado ao coronel do 7.º batalhão de infanteria, Moreira Cesar, para alli assentar praça. Como Gonzalez Perez declarasse que era hespanhol e se negasse a fazer parte do exercito brazileiro, o coronel mandou-o açoutar, ficando o desgraçado em lamentavel estado. E' sobre este facto que se baseiam as reclamações do governo hespanhol, que exige a destituição do coronel Moreira Cesar.

Um logro gracioso.— Londres é a terra dos grandes logros. Qualquer emprezario de espectaculos rouba escandalosamente o publico, que não se queixa, desde que, em compensação, o emprezario mande tocar o patriotico hymno nacional ou exhiba um palhaço, que dê muitos tombos e faça muitas caretas. E' conhecida a historia do industrioso que annunciou a exhibição de um cavallo que tinha a cabeça para onde os outros costumam ter a cauda. O publico londrino correu, em massa, a vêr o phenomeno, que era simplesmente um cavallo qualquer, amarrado a um poste e com a cauda para o lado da manjadoura. E John Bull admirou a *esperteza* e não se queixou do logro. Pois agora acaba de se fazer, na grande cidade, outra partida maior ainda.

Uns saltimbancos, que tinham armado um circo de lona, onde trabalhavam e exhibiam um magro elephante, vendo que a concorrencia não chegava, recorreram ao pomposo anuncio que o elephante *Tipoo* tocaria com a tromba, em um piano de cauda, o hymno nacional, o desenxabido *God save the queen*. Affluiu logo enorme quantidade de espectadores, que o emprezario explorou á entrada, elevando os preços. Chegado o numero de sensação, foi conduzido um grande piano de cauda para o centro da arena, e apresentou-se o elephante, acompanhado pelo director do bando.

O bicharoco, depois de cumprimentar o publico, como todo o concertista delicado, abriu o piano e passou a tromba sobre o teclado.

O publico esperava anciono a phenomenal tocata, e já se descobria para ouvir respeitosamente o hymno, quando o elephante, abanando a tromba e sacudindo as orelhas, deu meia volta, encaminhando-se vagarosamente para a sahida. O director foi ter com elle, tiveram os dois, homem e bruto, um ameno cavaco, enquanto o bruto grande — o publico — esgravatava os ouvidos para melhor gosar a musica. Acabada a conversa, o director, voltando-se para os espectadores, deitou-lhes o seguinte discurso:

— Respeitavel publico. Um acaso, que ninguem podia prevêr, impede que se execute, esta noite, o numero annunciado. O piano que aqui está, e que foi hoje alugado no estabelecimento Richard & Sons, é um piano de primeira ordem, como vêdes. Dá-se, porém, a extraordinaria coincidencia do teclado ser feito com marfim de uma das defezas da finada mãe do elephante. *Tipoo*, como visteis, ia cumprir o seu dever, mas, reconhecendo no teclado os despojos mortaes de sua velha mãe, que o pobre bicho tanto estimava e de que ainda tem pungentes saudades, commoveu-se a tal ponto, que não póde tocar. Acaba de m'o dizer, com as lagrimas nos olhos, affiançando-me ao mesmo tempo que, apezar de commovido, tocará o hymno em outro piano. N'este, sobre as lascas dos dentes da chorada auctora dos seus dias, é que não. E, como agora não me é possivel mandar trocar o piano, não se póde executar o numero, a não ser que algum dos senhores espectadores traga ahi pelo bolso algum piano, que me queira emprestar por um quarto de hora. Ninguem tem um pianosinho de algibeira? Pois é coisa de que se deve andar munido para casos d'estes! Como, porém, não ha outro piano, vae o numero annunciado ser substituido pela *Marselheza*, tocada pelos nossos *clowns* em uma bateria de cosinha. O publico applaudiu o *orador* e... estava o dinheiro embolsado e o *truc* feito, arranhando então a banda do circo o *God save the queen*, para pôr o fecho á obra.

Um caso!... — X... funccionario publico em coimbra é casado, e tem uma amante. Pouca moralidade no caso, mas pouco estranho, no fim de contas.

Em volta d'este thema vulgar ha um pequenino drama.

A amante foi queixar-se á policia de que lhe tinham mandado, de casa do funccionario em questão, uma terrina de sopa de pão com vidros moidos, petisqueira com que, provavelmente a esposa offendida queria vingar o ultraje.

Uma velha, creada d'esta, que fôra, conscienciosamente ou não, a portadora do petisco, apenas soube que a policia estava tratando do caso, foi deitar-se ao rio. Houve dois homens que a salvaram.

A policia trata de esclarecer este caso.

Entre austriacos e italianos.—Ha dias deu-se o seguinte incidente no theatro de Trento. Representava alli uma companhia italiana; alguns officiaes austriacos offereceram á primeira dama um ramo de flôres, tendo nas fitas uma dedicatoria em allemão, e a artista, como reconhecimento, atou as fitas em volta do braço. Foi o bastante para que os trentinos que se achavam no theatro, a patearam ruidosamente.

No dia seguinte, como desforra, os officiaes austriacos fizeram applaudir a artista por 300 soldados nos quaes pagaram os bilhetes de entrada. Os espectadores trentinos, em logar de patearem, o que podia ser serio para elles, retiraram-se em massa do theatro.

A febre typhoide.—Verificou-se que durante o anno de 1892 a terrivel doença da febre typhoide fez em Chicago 1.479 victimas, ao passo que em Nova-York, onde ha o dobro de habitantes, matou apenas 400 pessoas. Os jornaes americanos não occultam que a epidemia se tornou endemica em Chicago, o que é pouco animador para quem tencione visitar a grande exposição que alli se realisa.

Lucta d'um leão e de um homem.—Está em Londres um negro chamado Alimancousa, uma especie de hercules, que se propõe emocionar a grande cidade dos nevoeiros. Traz com elle um leão, com que lucta durante muitos minutos, com tanta furia como methodo. Umas vezes é o negro que derruba a fera, outras esta que, com uma simples patada, e arremessa a alguns metros de distancia.

Depois os *adversarios*, na impossibilidade de se apertarem mutuamente a mão, fazem um pequeno cumprimento e entram de novo em posição. Uma sessão particular em que o negro se mostrou com o seu feroz antagonista causou delirio aos assistentes.

Os naufragos do 'Thecla' — Ha os seguintes horriveis pormenores do terrivel naufragio do *trois mats* norueguez *Thecla*, em viagem de Philadelphia para o Havre.

Em 22 de janeiro, um violento ciclone derrubou-lhe os mastros, reduzindo-o dentro de alguns momentos a um casco, mettendo agua por todos os lados. O convez era varrido por ondas enormes. O capitão Hanseu reuniu a tripulação e, de commum accordo, ficou resolvido abandonar-se o navio, sendo lançados ao mar os tres botes que havia a bordo.

No primeiro tomaram logar com o capitão oito marinheiros. Essa embarcação affastou-se e em breve desappareu, não havendo mais noticias d'ella. Os dois outros botes quebraram-se contra o casco do *Thecla*, sendo impossivel aos desgraçados que restavam a bordo procurarem a salvação. Quatro dos naufragos atiraram-se ao mar. Ficaram a bordo cinco, morrendo de fome e lambendo, para se sustentarem, o deposito salino existente no cavername do navio.

A 27 de janeiro, um marinheiro hollandez propoz aos seus companheiros matar-se para lhes apagar a fome. A principio hesitaram, mas depois, cedendo ás horriveis torturas que soffriam, consentiram em deitar sortes, decidindo duas vezes o acaso que fosse o hollandez o sacrificado. Então mataram-n'o, beberam-lhe o sangue e comeram-lhe em seguida o cadaver já putrefacto! A 4 do corrente, os sobreviventes foram vistos pelo navio dinamarquez *Hermann*, que os recolheu a bordo, deixando-os em Cuxhaveu, Allemanha. Um d'elles estava completamente doido, sendo preciso internal-o immediatamente n'um hospital de alienados. Os tres outros foram presos pelas auctoridades allemãs e vão responder pelo assassinato do seu camarada hollandez.

Grande catastrophe em Hespanha. — Em uma das minas de Mazarron, na provincia de Murcia, deu-se uma terrivel catastrophe em que muitos homens perderam a vida ou ficaram gravemente feridos, não se conhecendo ainda o numero exacto de victimas.

Não se sabe como, hontem de manhã, produziu-se uma grande explosão cujos effeitos foram medonhos.

Hontem, até á tarde, tinham já sido retirados uns trinta e tantos cadaveres, entre os quaes os de tres engenheiros, um francez e dois allemães.

O sinistro causou a mais profunda consternação em todo o districto, sendo suspenso o trabalho em todas as minas. O trabalho da remoção dos cadaveres continua com actividade, com a presença das auctoridades.

Relogio admiravel.— Construiu-se, ha tempos, em Inglaterra um curioso relogio.

Em logar das horas serem marcadas com os numeros do custume, são indicadas por 12 figurinhas, muito distinctas, que representam uma mãe e um filho. A' 1 hora da madrugada está a mãe com o menino nos braços. A's 2 apparece a mesma figura com um menino maior. A's 3 está a mãe no mesmo sitio, mas o menino está vestido de calções. Emfim, o menino vae crescendo a cada volta do horario, até que chega ás 8. Então vê-se elle ir para a escola. A's 9 usa o traje de estudante na universidade. A's 10 apparece a mãe no leito mortal. E' o momento cruel da separação. A's 11 o estudante é já um homem de madura edade. A's 12 converteu-se em ancião decrepito e triste, o que dá verdadeiramente uma ideia clara da humanidade.

Os aguarellistas francezes.— A decima quinta exposição dos aguarellistas francezes, recentemente aberta compõe-se de duzentos quadros assignados por quarenta artistas. Falta-lhe imprevisto e audacia e peeca por um excesso de arrebicado manelrismo. Predomina a paisagem. Vê-se lá toda a gamma do logar commum: flôres, leques, hespanhoes, cardeaes, margens de ribeiro, recantos de Veneza, rendez-vous de caça, gatos, etc.

Besnard expõe um lindo retrato de mulher e Bontet de Monvel algumas das suas diaphanas e ingenuas phantasias infantis.

Os defensores

O nosso prasado collega lisbonense, o *Correio da Tarde*, publica no seu n.º de sabbado ultimo o seguinte brilhante artigo:

Dizem que a situação do governo é clarissima e no entretanto o que toda a gente vê é que ella nunca foi tão indecisa, dubia e tenebrosa. Assumiu o poder pelas indicações da opinião e não pelo favor dos partidos e comtudo hoje que essa mesma opinião o intima que abandone os conselhos da corôa, prepara-se para lhe resistir e ficar, recorrendo mesmo aos meios extremos para manter o seu predomio. Não é occasião opportuna esta para averiguar o que é que o governo pedio aos partidos e o que é que elles lhe deram. O que podemos assegurar, porem, é que em vez de se conservar neutral entre os partidos para lhes merecer a confiança, se colligou com um d'elles com o firme proposito de prejudicar o outro. Explorou os antagonismos dos partidos em proveito da sua ambição insoffrida e apparentendo de liberal e de desinteressado, atacou de frente todas as immunidades individuaes e collectivas.

Allegam a coherencia patriotica e liberal do governo que se não aproveitou da indisciplina, da confusão e da inhabilidade dos partidos para desfraldar a bandeira nova, sonho de tantos desilludidos do passado, sendo certo que fez quanto póde para fazer exactamente o contrario e se o não conseguiu foi porque os partidos tomaram conta em si e o paiz não se prestou a acceitar de bom grado as indicações governamentaes. O que é mais extraordinario ainda, é que depois de tudo o que se sabe, ainda haja quem tenha a coragem de escrever que ninguem póde pôr em duvida a franqueza, a lealdade da politica ministerial, reclamando dos adversarios que confessem os enormes serviços que ao paiz tem prestado o actual governo *fechando a porta ao esbanjamento e á empregomania, moralisando a administração indo com pulso firme levantando dos escombros o novo edificio financeiro.*

Tal é a doutrina dos defensores do governo accusando de impacientes os que energica e insistentemente estão combatendo o gabinete. Para quem é que estão escrevendo os jornalistas regeneradores eventualmente ao serviço do sr. presidente do conselho? A quem querem illudir? O paiz ou o proprio governo? Vem dizer que a situação não póde ser mais clara, quando depois de mez e meio de camaras nada se tem feito, quando o governo se está agarrando a toda a especie de expedientes para protellar as discussões serias, não dizendo nem palavra sobre as mais graves questões pendentes, vendo-se que o seu principal empenho é ganhar tempo para se aproximar, o mais facilmente que lhe seja possivel, do termo da primeira sessão legislativa, para depois ter novos expedientes para prolongar a sua existencia, com o favor inalteravel da corôa e em detrimento dos partidos e com nova offensa das boas e sãs doutrinas constitucionaes.

Ao governo não falta, dizem ainda os defensores ministeriaes, a confiança do paiz. Desde que esta affirmação se faz assim tão audaciosamente, o que resta ao paiz, dada a teimosia impertinente do governo e a prolongada e injustificada benevolencia da corôa, ao que parece lisongeada com a propaganda do governo pessoal iniciada pelo inaprado prophéta d'este novo *cartismo*, o que resta ao paiz é preparar-se para uma lucta mais renhida e mais decisiva em defensa dos principios liberaes ameaçados. Depois, lançado n'este caminho, será difficil se não impossivel detel-o, escusado é dizer que se para combater e levar de vencida o *cartismo* restaurado fôr necessario crear uma nova *patuleia*, desfraldando a bandeira da democracia e da liberdade, nós estaremos com ella de alma, vida e coração. E' isto que estão preparando as imprudencias e as leviandades do governo e os que chamam aos adversarios impacientes é que realmente parecem impacientes pela revolução. E hão de tel-a!

O jesuita Dias Ferreira

Sob este titulo a *Tarde*, principal orgão do partido regenerador, escreve:

O sr. José Dias, decididamente, leva as lampas ao diabo. O diabo fez-se ermitão; o sr. José vae mais longe e fez-se jesuita, no fim de 20 annos de discursos-col-an-vent de liberdade, guerra ao jesuitismo, etc. e tal, de todo esse recheio com que elle suppunha, eleito por Aveiro, ser o successor de José Estevão. O que se está passando com o extincto convento das Carmelitas em Carnide prova bem que debaixo da sobrecasaca do ministro se occulta a roupeta do jesuita. Por decreto com força de lei, de 2 de abril de 1892, o governo concedera ás pupillas carmelitas que vivessem o resto dos seus dias nas cellas, claustros e cercas que tinham sempre occupado n'aquelle convento, dando-lhes esse pequeno conforto na sua velhice. Vae o sr. José Dias, dominado pelos jesuitas, ordena que se dê posse do convento ás irmãs francezas de S. José de Cluny e por uma simples ordem sua revoga o decreto de 1892.

As pobres recolhidas portuguezas passaram a occupar um espaço muito restricto, que dá *sua propria casa*, por esmola, lhes concederam as irmãs francezas, e isto em quanto não são de todo d'alli expulsas.

Este procedimento indignou os moradores de Carnide, que constituiram uma commissão composta dos srs. condes de Carnide, condessa de S. Januario, Meyrelles, dr. Mello, José Chaves, Xavier Nogueira, director do Collegio Militar e de muitas outras pessoas, a qual procurou hontem o sr. cardeal patriarcha afim de pedir providencias, mas que não foi recebida, por estar Sua Eminencia ligeiramente incommodado. Aqui teem, pois, o liberalão José Dias a revogar decretos unicamente por meio de uma ordem sua, e a servir as irmãs jesuitas francezas em detrimento das pobres recolhidas portuguezas. Pois senhores, é de tal ordem que até leva as lampas ao diabo!

A commissão, que tem a seu lado não só toda a população de Carnide mas de todo o paiz liberal, tenciona dirigir-se muito brevemente a Sua Magestade, expondo-lhe o acto iniquo e revoltante despoticamente praticado pelo sr. Dias Ferreira.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA INTENSIVA DA BATATA

Um professor francez, Aimé Girard, um grande chimico e um dos maiores ornamentos do Instituto agronomico de Paris, iniciou ha 8 annos uma serie notabilissima de trabalhos experimentaes sobre a cultura da batata, afim de levantar a cifra dos productos em França por forma a prescindir-se, como na Allemanha, do emprego dos cereaes para a fabricação do alcool.

Os resultados a que chegou e as estatisticas que tem publicado durante os ultimos 3 annos são verdadeiramente portentosos. Não passando ordinariamente as melhores colheitas de 17 mil kilos por hectare, elle conseguiu, primeiramente no seu campo d'experiencias, e depois por assim dizer em toda a França por intermedio dos numerosos agricultores que se prestaram a pôr em pratica os seus preceitos, elevar aquella cifra a 40, 45 e mesmo 53 mil kilos por hectare.

Se fizermos um ligeiro calculo do que serão estes resultados transportados para o nosso paiz, reconhecemos que, operando sobre a cifra de 40 mil kilos, o producto bruto d'esta superficie de terreno, calculado em reis, seja mesmo ao preço nada elevado de 240 reis os 15 kilos, não é inferior á quantia de 639$840 reis!

Admittindo, pelo maximo, um dispendio 220$000 reis em adubos, lavoura, semente, sacha e arrenda, tratamento da molestia e colheita para

---

95 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XI PARTE

A ARVORE CAHIDA

III

UM CORAÇÃO QUE PRINCIPIA A FORTALECER-SE

Desde este dia, Luiz mostrou-se mais resignado, mais tranquillo.

Raymundo ignorava a desgraça do conde. A correspondencia trocada entre o velho marinheiro e sua sobrinha nada lhe revelava. As cartas da condessa nunca haviam respirado maior socego de espirito. Raymundo estava alegre: não obstante, repetia bastas vezes nas suas cartas o seguinte:

«Já estamos na temporada dos banhos. Se se demoram muito, já não encontram no jardim nem uma má maçã. Não sei o motivo porque não veem, ainda que seja só por quinze dias.»

E como decorresse um mez e outro e as folhas começasse n a amarellecer, annunciando a aproximação do outono, o pobre velho repetia sem cessar em todas as cartas o periodo antecedente. A leitura d'estas cartas no *Saladero*, as frequentes conferencias entre Carlos e Luiz mudaram completamente o caracter do conde, que se mostrava ancioso pelo momento da liberdade, afim de emprehender a viagem projectada. Rosa ignorava esta resolução. Chegou o mez de outubro.

Devido ao zelo e interesse da duqueza de X... esperava-se que d'um momento para o outro se dicidisse o processo favoravelmente para o conde.

Carlos, que não descançava e queria prevenir tudo, reuniu os credores do conde, e satisfez-lhes, até o ultimo maravedi. O coronel teria podido pagar-lhes do seu bolso sem desfazer a casa e vender as carruagens; mas isto daria outro caracter ao plano que imaginara. Interinamente a condessa foi alojada n'uma bonita casa perto do *Saladero*, e alli vivia com sua filha e duas criadas. Rosa estava contente na sua nova habitação, adornada com parte da mobilia do seu anterior semi-palacio. No dia em que se mudou teve um motivo de alegria e outro de tristeza. Viu o sol a penetrar-lhe pela sala, foi esta a alegria; mas ouviu a Salve Rainha cantada em coro pelos presos do *Saladero*.

— Porque entoam os presos aquelle cantico? — perguntou Rosa á criada que voltava da prisão de levar o almoço ao conde.

— Porque está no oratorio um condemnado que vae ámanhã a morrer.

— Que crime é o d'elle?

— Dizem que matou um homem.

Rosa sentiu no coração um terrivel estremecimento, e correndo á alcova onde sua filha ainda dormia, abraçou-se ao innocente fructo do seu amor e chorou muito.

Depois de mais socegada, e passada uma hora, por a mantinha e dirigiu-se á prisão. Quando subia as escorregadias escadas que tem visto tanta lagrima, tornou a ouvir a Salve Rainha entoada em côro pelos infelizes presos. Rosa levou uma das mãos ao coração e outra aos olhos.

O porteiro abriu-lhe a porta, dizendo-lhe :

— Bons dias, senhora condessa.

Rosa perguntou instinctivamente, por seu marido.

— Está lá em cima: foi ha pouco ver o padecente.

— Então sempre tiram a vida a esse homem ?

— Bem o merece, senhora, é um criminoso terrivel a quem a lei expulsa da terra.

— Pobre homem! — murmurou a condessa.

— Sim, pobre homem, porque ao cabo de contas sempre nos custa ver matar um nosso similhante.

Rosa subiu precipitadamente até ao quarto do conde. Luiz estava sentado n'uma cadeira, e com um livro na mão. A condessa arremessou-se-lhe nos braços, e como Luiz notasse que ella vinha sobreexcitada, perguntou-lhe :

— O que se passou ? O que foi ?

— Nada, Luiz, nada ; tinha muitos desejos de te ver. O conde sorriu-se e beijando a na testa, disse-lhe:

— Agrade-t'o do coração, mas não me dizes a verdade. Então, Rosa confiou-lhe os receios que a assaltavam e a afflicção que lhe tinha causado o cantico dos presos.

— Felizmente, querida, o pobre padecente e eu estamos em circumstancias bem differentes; socega.

— Que livro é esse que estavas lendo quando eu entrei ?

— E' um livro que me trouxe hontem á noite o coronel.

E Rosa leu o titulo do livro que seu marido lhe mostrou. Era :

«*Memorias da vida de Benjamim Franklin.*» A condessa pouco ou nada sabia do celebre diplomata anglo-americano, do inventor do para-raios, e por isso perguntou :

— De que trata ?

— E' a biographia d'um homem, que, sendo filho d'um pobre fabricante de sabão, chegou, á força de trabalho, de perseverança e estudo, a adquirir uma fortuna e um nome glorioso.

— Ah! — exclamou a condessa, como se comprehendesse o motivo porque estava aquelle livro nas mãos de seu marido.

— Franklin — continuou o conde — desde que teve uso de rasão, empregou proveitosamente todas as horas da sua vida, conseguindo assim duas coisas: enriquecer, e saber que o homem, empregando bem o tempo, póde levar a cabo muitos emprehendimentos. Para conseguir o util aproveitamento do tempo escreveu uma especie de disposições que tinha affixado na parede do seu quarto: «levantar-te-has ás cinco da manhã, estudarás até ás sete; das sete ás oito farás isto, etc. etc.,» e assim successivamente; conta-se que nunca deixou de cumprir com estas obrigações que a si mesmo imposera, e que lhe sobrava tempo para tudo.

— E tu tencionas fazer o mesmo ? — perguntou a condessa.

— Talvez; tenho trinta annos, posso trabalhar até aos cincoenta, e tomando por modelo o celebre Franklin, quem sabe ao que chegarei; bem sabes, querida Rosa, que estamos arruinados, e que, portanto, preciso crear uma fortuna, ainda que seja pequena, para a nossa querida filha.

Rosa lançou-se nos braços de seu esposo, exclamando:

— Oh! sim!... trabalhemos por ella e para ella. Decorreu algum tempo. Chegou o dia 4 de novembro.

Carlos tinha completa confiança em que a prisão do conde não podia durar muito. Esperava-se d'um momento para outro que lhe dessem a liberdade. Uma tarde em que estavam sós, disse o coronel:

— Vamos separar-nos por alguns dias.

— Como ?

— Vou a Adra preparar os animos da minha familia, mas vou com a certeza de que o conde virá reunir-se a nós logo que se lhe abram as portas d'esta prisão. Entretanto, communicar-nos-hemos por escripto tudo quanto succeda. A duqueza de X... que tão calorosamente se tem empenhado em seu favor, fica encarregada de activar o momento desejado. Espero, antes do fim d'este mez, vel-o fóra d'esta casa.

— Se tal acontecer — disse o conde — não se esqueça de que nos espera uma fortuna além dos mares.

— Não esqueço e por isso desejo antecipar a minha ida a Adra. Tenho lá minha mãe, quero obter a sua licença, e por isso preciso passar uma temporada ao seu lado. Além d'isto, a minha presença em Madrid é actualmente inutil. O conde pediu ao coronel que não partisse, mas este empregou toda a sua eloquencia para demonstrar que a sua viagem era indispensavel.

O coronel tinha toda a certeza de que a decisão da causa sahirá a favor de Luiz.

— Agora—disse Carlos—prometta-me que, logo que saia da prisão, tomará o caminho de Adra.

— Prometto.

E apertaram-se as mãos em signal de alliança.

— Luiz—acrescentou o coronel— temos um obstaculos aos nossos planos e é preciso ter valor para o vencer. Rosa hade resistir a separar-se de seu marido.

— Consentir que ella se arrisque aos perigos d'uma viagem! Nunca! Não o consentirei..

— Exactamente; é essa a base da nossa fortuna.

— Já conta com o bom resultado dos nossos esforços ?

— Nunca perco a esperança, quando faço qualquer tentativa. Rosa deve ficar em Adra com sua filha.

— Custar-me-ha muito a separação, mas terei valor para arrostar com ella. Carlos abraçou o conde novamente e separaram-se. Rosa continuava ignorando os planos dos dois amigos;

...r o referido producto bruto, o qual, posta liquido é ainda tão consideravel que, pode dizer-se, terrenos de 1.ª qualidade o dão produzem igual numa area 6 vezes maior.

De facto, segundo as contas correntes da agricultura entre nós, e seja qual fôr o genero que se cultive, um producto liquido de 70 ou 80 mil reis por hectare é já um maximo que poucas vezes se attinge.

Para alcançar os resultados acima enunciados eis, muito em resumo, as principaes regras de cultura:

1.°—*Profundeza das lavouras.* A batata precisa de terra mobilizada profundamente. As suas raizes, embora o não pareça por serem extremamente delgadas, attingem o comprimento de 1m,80; e para esse effeito, é claro, a terra deve achar-se convenientemente preparada. A lavoura ou cava não deve ser inferior á profundidade de 35 ou mesmo 40 centimetros.

Na grande cultura, em que a mobilisação da terra é feita á charrua, como não é possivel obter com esta a profundidade requerida (e nem isso seria sem inconvenientes em terras que não andem lavradas profundamente) atraz da charrua ordinaria faz-se seguir uma charrua de sub-solo. A primeira abre o rego (seja por exemplo á profundidade de 25 centimetros) e a segunda mobiliza a terra do fundo d'este rego, na profundidade de 15 centimetros, sem a deslocar do seu logar. D'esta maneira obtem-se a desagregação da terra até aos 40 centimetros requeridos sem o risco de vir a terra crua inferior cobrir a terra aravel propriamente dita.

Na pequena cultura em que a mobilização da terra é feita á enxada, a cava deve ter logar sob os mesmos principios, sobre tudo em terrenos que nos annos anteriores não tenham sido cavados fundo. Para isto a terra deve ser cavada á manta, segundo o modo ordinario e na profundidade habitual, e depois d'aberto cada fosso, deve a terra do fundo ser cavada sem deslocação, e de forma a completar os 40 centimetros de mobilização. E' depois d'isto que se abre o fosso immediato ao qual se fará o mesmo, e assim successivamente.

2.°—*Natureza e quantidade dos adubos.* A batata tem necessidade de acido phosphorico, azote e potassa. A melhor forma de lhe fornecer estes agentes fertilizantes é: bom estrume de curral, superphosphato de cal, nitrato de soda e sulfato de potassa. Mas a quantidade d'uns e outros deve variar com a composição chimica do solo.

N'um terreno de composição média devem empregar-se por hectare 20 mil kilos de bom estrume de curral completados por

Superphosfato de cal.	310 a 370	kilos
Sulfato de potassa..	115 a 140	»
Nitrato de soda....	75 a 90	»

O estrume é enterrado pela lavoura segundo o modo ordinario.

O superphosphato de cal e o sulfato de potassa são espalhados depois do terreno lavrado, mas antes de gradado.

O nitrato de soda é espalhado muito depois de feita a sementeira, alguns dias antes das batatas nascerem.

Nas nossas fabricas d'adubos chimicos não existe á venda sulfato de potassa, mas sim chloreto de potassio. A acção d'este é igual á do sulfato e emprega-se na mesma dose.

Na falta d'adubos chimicos deve empregar-se dose dobrada d'estrume de curral, isto é, 40 mil kilos.

3.°—*Escolha dos tuberculos para plantar.* Os tuberculos mais productivos são os que proveem de plantas fortes. A cada tuberculo de batata pertencem qualidades de reproducção que se encontram intactas na descendencia; todo o tuberculo proveniente d'um pé de grande colheita fornece uma colheita abundante, e inversamente.

Entre os tuberculos filhos do mesmo pé dão maior pezo de colheita os tuberculos de tamanho médio e os grandes, mas os grandes não dão producto mais abundante que os médios. Devem pois preferir-se para plantação os tuberculos de tamanho ou pezo médio. Na variedade Richter's Imperator, (aquella que o professor Girard aconselha de preferencia como a mais productiva) este pezo médio deve oscillar entre 60 e 100 grammas. Existe uma relação intima entre a abundancia do producto de cada pé e a riqueza da sua vegetação aerea: por outras palavras: o pé que produz ramos mais vigorosos é tambem o que dá uma colheitá de maior pezo. A escolha das plantas que hão-de servir para reproducção deve pois fazer-se no terreno, muito antes da colheita, marcando para isso os pés que se apresentarem mais vigorosos.

4.°—*Do corte dos tuberculos para plantar.* Os tuberculos devem ser plantados inteiros. E' um erro suppor o contrario.

Cortando-os augmenta-se o numero de plantas, é certo, mas o producto em peso por metro quadrado de terreno é muito inferior. Esses pés são sempre mais fracos, e alguns d'elles seccam em meia vegetação por apodrecimento do tuberculo cortado.

5.°—*Data da plantação.* A mais conveniente (em França) decorre do meio de março ao meio d'abril. Dentro d'estes limites é porem conveniente plantar o mais cedo possivel. Fazendo a plantação mais tarde a producção é inferior. Fazendo-a mais cedo o frio, e a neve podem difficultar a vegetação aerea e retardar com prejuizo o apparecimento dos tuberculos novos. No nosso paiz nos districtos de clima mais temperado e sem neves é quasi certo haver vantagem em plantar mais cedo.

6.°—*Regularidade da plantação.* Não é indifferente que a plantação seja feita *a olho*, ou em linhas regulares. A observação demonstra por um lado que, feita a olho, e por mais pratico que seja o jornaleiro ou lavrador, a plantação nunca fica geometricamente regular; e por outro a estatistica prova que no caso sujeito a producção é sempre inferior. O augmento de producto nas plantações regulares pode elevar-se a 3:000 kilos por hectare.

7.°—*Distancia dos tuberculos entre si.* Sob o ponto de vista do rendimento a questão da distancia é d'importancia capital. Cada are deve receber 330 tuberculos, ou, o que vale o mesmo, plantar-se-hão 33:000 tuberculos por hectare. Para se obter este resultado o terreno, depois de preparado, (lavrado e gradado) risca-se em cruz, e de maneira que n'uma direcção as linhas distem entre si 60 centimetros e na outra apenas meio metro. Em cada ponto de cruzamento é plantado um tuberculo.

8.°—*Dos amanhos.* A sacha deve ser extremamente cuidadosa. Toda e qualquer herva que se deixe crescer diminue de maneira muito apreciavel o producto do pé de batata que lhe ficar proximo. D'ahi a necessidade de fiscalisar o trabalho da sacha para que as mais pequenas hervas que existam em torno dos pés de batata sejam mondadas á mão.

A arrenda é indispensavel e nas batatas de grande rendimento, taes como a Richter's Imperator e a Red-Skinned, a accumulação de terra em torno de cada pé deve ser elevada para evitar que os tuberculos novos, muito superficiaes n'estas variedades, venham a descobrir-se.

9.°—*Da molestia das batatas e do seu tratamento.* A molestia das batatas provem d'um parazita vegetal que du Bary designou pelo nome de *Phytophtora infestans.* Transportados pelo ar os esporos d'esta cryptogamica pousam e fixam-se sobre a pagina superior das folhas, onde podem persistir durante semanas sem se desenvolverem, se o tempo se conservar frio e secco. Sobrevindo porem chuvas e sobre tudo nevoeiros acompanhados de calor, dos esporos nasce um prolongamento (mycelium) que penetra logo no parenchyma das folhas, que se mancham de negro. O mal propaga-se depressa a toda a vegetação aerea que secca por inteiro. A producção da materia organica pelo apparelho foliaceo suspende-se, os tuberculos deixam de crescer. Pouco depois o parazita invade-os tambem, mancha-os igualmente, e acaba por os destruir se não forem arrancados a tempo.

Este parazita tem grande analogia com um outro que ataca as vinhas—o *Peronospera viticola*, ou *mildew*—em cujo tratamento os saes de cobre teem efficacia já ha tempos reconhecida. Tem-se para isto empregado de preferencia uma solução de sulfato de cobre que recebeu o nome de calda bordeleza, e que se compõe de: Agua 100; cal extincta (pesada no estado vivo) 2 sulfato de cobre 2.

Um francez, M. Jouet, lembrou-se d'experimentar (em 1885) o mesmo tratamento contra a molestia das batatas.

M. Prillieux, inspector do ensino agricolá em França, foi quem primeiro chegou n'esta via a resultados absolutamente concludentes, que communicou á «Académie des Sciences» em agosto de 1888.

Em seguida, uma longa serie de experiencias e d'ensaios feitos por Mr. Aimé Girard em grandes extensões de terreno, vieram demonstrar que este tratamento era igualmente possivel na grande cultura, salvando-se com toda a segurança as colheitas, sem despeza que não seja amplamente coberta pelo augmento da producção.

Reconheceu-se porem que, para mais completa certeza nos resultados, era preciso modificar a formula primitiva da calda bordeleza que se verificou ter o defeito de não adherir sufficientemente ás folhas da planta, donde a sua menos segura efficacia em annos chuvosos.

A calda cuja formula durante os ultimos dois annos tem dado melhores resultados, e em cuja constituição entram, alem da agua, o sulfato de cobre, a cal e o melaço, é devida a M. Michel Perrat, que não só teve em vista obter um liquido mais adhesivo, mas sobre tudo que tivesse por base um composto de cobre que fosse ao mesmo tempo facilmente soluvel e inoffensivo para as plantas.

Este composto é o saccharato de cobre que resulta da reacção do assucar do melaço sobre o sulfato de cobre em presença d'um excesso de cal.

A calda de saccharato de cobre prepara-se do modo seguinte:

1.°—Diluir em 80 litros d'agua 2 kilogrammas de cal extincta (pesada no estado vivo);

2.°—Dissolver 2 kilos de melaço em 10 litros d'agua;

3.°—Dissolver 2 kilos de sulfato de cobre em 10 litros d'agua.

Terminadas estas operações lança-se o 2.° liquido sobre o 1.°, mechendo vivamente por espaço de alguns minutos com uma grande espatula ou pá de pau, até que os dois liquidos reunidos adquiram uma côr uniforme. Depois d'isto junta-se por sua vez e a pouco e pouco a solução de sulfato de cobre, continuando sempre a mecher fortemente com a pá.

Obtem-se d'esta maneira uma calda leve, fluida, que deposita pouco, e que não obstrue os crivos dos pulverisadores.

O liquido n.° 1 deve ser preparado em uma dorna (ou barril a que se tenha tirado um dos tampos) com capacidade superior a 100 litros, para poder facilmente permittir a agitação da totalidade da calda.

A cal deve ser pezada no estado vivo, e a sua extincção deve ser feita até á reducção a pó, mas não com agua em excesso. Podemos para isto servir-nos d'um alguidar em que lançamos primeiramente a cal em pedra, e depois agua que cubra bem a cal. Quando esta principia a arrebentar, despeja-se a agua completamente. Alguns minutos depois toda a cal se tem reduzido a pó, e é então que é lançada na dorna onde já estão os 80 litros de agua.

Convém egualmente que os liquidos n.° 2 e n.° 3 sejam preparados em vasilhas de madeira ou barro.

Como economia de tempo é importante que o sulfato de cobre tenha sido antecipadamente reduzido a pó, pois d'outra fórma a sua dissolução é demorada.

A applicação da calda ás plantas faz-se habitualmente por meio dos mesmos apparelhos pulverisadores que são empregados no tratamento do mildew da vinha. Ha-os de diversos auctores, mas não é indifferente a escolha, pois que a experiencia tem mostrado que a efficacia do tratamento depende muito da boa divisão do liquido. Para obter com segurança o effeito preventivo é preciso envolver a parte aerea da planta n'um nevoeiro que a humedeça em toda a extensão da sua superficie.

N'um concurso de pulverisadores que se realisou em Paris no anno proximo passado foi classificado em 1.° lugar o pulverisador Eclair, de Vermorel.

Antes de lançar a calda no pulverisador é conveniente mechel-a para pôr o precipitado em suspensão. O operario, com o apparelho ás costas e de lança na mão, segue entre duas linhas da plantação pulverisando á esquerda 2 a 5 filas, conforme a força do pulverisador.

O tratamento d'um hectare exige ordinariamente 4 dias de trabalho e 17 a 18 hectolitros de calda.

Para fazer o tratamento não se deve esperar o apparecimento da molestia: deve-se antes, e tanto quanto possivel fazel-o preventivamente. Sobre a epocha exacta não pode porem sob o nosso clima estabelecer-se regra fixa, visto que a molestia não sobrevem em tempo certo. Em geral pode dizer-se que, salvas condições climatericas ou atmosphericas especiaes, é prudente applicar o tratamento 30 a 50 dias depois do nascimento das plantas. E acrescente-se que, em annos excepcionaes, pode mais tarde tornar-se necessario um segundo tratamento.

E' porém fóra de duvida que a variedade tem n'isto uma influencia grande, offerecendo algumas, e sobre todas a variedade Richter's Imperator, uma resistencia manifesta.

A's pessoas que não possuam pulverisador e pretendam julgar por experiencia propria e em pequena escala da efficacia do tratamento, aconselhamos que o façam mesmo por qualquer meio rudimentar d'aspersão ou irrigação, deixando alguns pés não tratados para testemunha. No fim de alguns dias, se a molestia já existisse antes, os resultados são nitidos: nos pés não tratados a molestia segue a sua marcha; nos submettidos ao tratamento, não só a doença não progride, mas a vegetação mostra-se como que excitada por uma força nova.

10.°—*Da colheita.* Não deve ser feita senão depois de ter cessado toda a vegetação aerea. Em quanto no vertice dos caules existir um pequeno bouquet terminal de folhas verdes, os tuberculos crescem, a planta trabalha ainda; isto é, continua a fabricar uma certa quantidade de materia organica destinada aos tuberculos. Mas depois da extincção d'estas ultimas folhas, então é inutil adiar por mais tempo a colheita.

Entre nós pratica-se frequentemente o contrario, devido, é certo a que a molestia depois de ter atacado em parte as folhas e os caules ameaça passar aos tuberculos. D'ahi resulta, por necessidade, que a colheita é quasi sempre excessivamente precoce.

A batata carece para completo desenvolvimento e amadurecimento da fecula, d'um periodo de vegetação superior a 5 mezes, que nas variedades de grande rendimento excede mesmo 6 mezes. Desde o 4.° até ao 6.° mez os tuberculos duplicam de pezo. Uma colheita que, ou de proposito ou por necessidade, seja feita do 3.° para o 4.° mez, como é frequente, fica pois áquem de metade do producto que se poderia obter.

*

Representar-se-hão destituidas de vantagem as considerações que acima ficam expendidas?

Portugal, paiz que dizem agricola, não carecerá no assumpto sujeito de fazer modificações nos seus processos de cultura?

Entre nós a abundancia do genero que nos occupa será completamente satisfatoria sob o ponto de vista da economia publica?

Considerado como alimento do pobre, o seu preço será baixo bastante para prestar a maior somma de serviços como succedaneo dos cereaes? E por outro lado, a nossa producção de cereaes será de tal maneira grande que não haja necessidade d'este auxiliar?

O custo dos cereaes será tão exiguo que não devamos preoccupar-nos com o consumo que d'elles se faz na fabricação do alcool industrial?

Eis uma serie de perguntas a que nos dispensamos de dar resposta: o estado calamitoso do paiz responde a todas ellas *por grosso.*

De resto, *por miudo*, com cifras authenticas, não ha meio de responder. A estatistica agricola é ainda entre nós coisa que não existe.

Temos porem a maior facilidade em informar o leitor de que na Allemanha 3.000:000 d'hectares são consagrados á cultura da batata. Cada anno leva esse paiz ao mercado uma quantidade d'alcool que excede 4.000:000 d'hectolitros, de que tres quartos, muito aproximadamente 3.000:000 de hectolitros, teem por origem a fecula contida nos tuberculos da batata.

Em França no anno de 1890 a superficie de terreno dado a esta cultura foi de 1.464:757 hectares; a producção total foi de 110.597:993 quintaes, com um valor de 566.580:480 francos; o preço medio do quintal foi de 5 francos e 13 centimos, ou sejam 140 reis por cada 15 kilos.

Edmundo Machado.

OS ANTIGOS PAÇOS REAES DE SANTA CLARA

Sob este titulo o *Conimbricense* de 15 escreve o seguinte:

O sr. Alberto de Sousa, empregado da repartição de fazenda d'este districto, que foi encarregado do inventario do extincto mosteiro de Santa Clara, deu-se a um trabalho muito interessante.

Por um rigoroso exame, que lhe levou mais de um mez, tomando por base o tombo original de 1587, das propriedades do antigo e hoje quasi extincto burgo velho de Santa Clara, foreiras áquelle mosteiro, veiu no conhecimento do local dos antigos paços reaes, onde se presume que foi assassinada D. Ignez de Castro.

A torre dos referidos paços estava junto do muro da horta da cerca do mosteiro velho de Santa Clara. Essa torre, de que já não existem vestigios, porque o solo elevou-se consideravelmente, com as alluviões do rio, estava construida em terreno, hoje de dois quintaes, pelo nascente da mesma cerca, ao norte da rua das Parreiras; andando agora um d'esses quintaes em nome de D. Luiza Augusta Velloso.

Em vista do seu trabalho de investigação, o sr. Alberto de Sousa organisou um esboço da planta do burgo velho de Santa Clara, com a maior parte dos predios, que interessam á demarcação dos antigos paços reaes. Esto trabalho foi iniciado pelo mesmo empregado, para descobrir onde esteve a egreja do hospital, ou asylo de *Santa Isabel de Hungria*, fundado pela rainha de Portugal, Santa Isabel. Já se sabe aproximadamente onde era o local d'essa egreja, restando só ir fazer a demarcação sobre o terreno. Tudo isto é um bom serviço prestado á historia pelo referido empregado.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

Registamos com prazer o que diz o nosso collega, pois que o facto interessa honrosamente a um patricio e amigo nosso, que muito presamos.

Replantação de vinhedos

Sob o assumpto, que é importante o *Jornal de Santarem* escreve:

No numero preterito e sob este titulo evidenciámos o nosso receio a respeito das extraordinarias plantações de vinha que se estão fazendo no nosso paiz. Os factos obrigam-nos a entrever um dia em que a producção de vinho será bem superior á do anno de 1886, anno em que a cultura da vinha attingiu a maior intencidade e em que o vinho logrou, graças á devastação dos vinhedss francecezes, achar facil collocação nos mercados estrangeiros.

Se no nosso paiz houvesse conscienciosos trabalhos d'estatistica, poderiamos agora com exactidão consubstanciar em numeros o que aqui deixámos expresso em palavras.

No rigor arithemetico contem-se toda a logica, e dada a hypothese que o que se pergunta é respondivel, interroguemos:

Qual a area de terreno que em 1886 existia plantada de vinha em Portugal?

Qual foi a producção d'esse anno?

Qual o consummo medio annual do Paiz?

Qual foi a exportação?

E colhidas estas respostas continuaremos a interrogar:

Qual area de terreno hoje plantada de vinha; ou antes qual a area provavel de terreno que nos proximos cinco annos se achará plantada de vinha?

Conseguido o calculo, ainda que approximado, com respeito ao numero de plantas que produziram no anno de 1886 e com respeito ás que podem produzir d'aqui a cinco annos, é facil achar o valor numerico aproximativo, em hectolitros, que no futuro, e dentro d'esse periodo, produziremos e por consequencia, deduzido o consummo interno — que pouco terá alterado — qual a differença (saldo) que constituirá o excesso de producção que abarrotará as adégas—a depreciar e desvalorisar o producto — se lhe não promoverem entrada e negociação nos mercados externos. Eis pois em breves traços, descripto o que nós reputamos *plethora*, e eis mui deductivamente indicada a *solução* perguntada no nosso anterior articulado.

Abrir mercado, eis a solução; e sem elles ter-se-ha como infallivel a ruina da viticultura, que, assim, ver-se-ha naturalmente obrigada a reduzir as suas vinhas ao limite do *consummo interno.*

Insistir nas plantações, sem *d'avance* preparar a collocação dos productos, sem emfim, procurar o consummidor, equivale a decretar inconscientemente o marasmo commercial e sobre tudo comprometter a actividade e capitaes n'uma cultura sem compensações. E aonde as poderá haver se a abundancia do genero traz inevitavelmente, pela concorrencia e pela necessidade da sua liquidação, o seu barateamento?

Deitam os viticultores as suas contas de tal modo que saibam precisar o preço minimo porque sem prejuizo podem vender o hectolitro de vinho?

Sabem os viticultores por que preço lhes fica o grangeio ordinario e extraordinario d'um hectare de vinha?

Estudem, analysem, confirmem e se d'esse exame poderem concluir que podem vender o litro de vinho a 10 réis, pagando os jornaes por 240 réis, o mais baixo preço com que pode viver um jornaleiro, então talvez ainda por algum tempo possam resistir ás consequencias da *plethora* para morrer decerto sob as attribulações do fisco — que tudo quer da propriedade e que só perdoa quando liquidada a divida em hasta publica.

Pagas as despesas de grangeio o que restará ao proprietario n'estas condições?

A hypotheca.

Parece-nos que não será por exagero que as côres são sombrias, antes a verdade, que todos compulsam, pois constituem factos que todos podem contestar, nos ajuda, n'este leve desenho da situação viticula do nosso paiz, a avisar os incautos e os ambiciosos a reconsiderarem.

O aviso está feito e a indicação está dada.

Como remedio aos graves embaraços que necessariamente hão de surgir a este estado de coisas só se apresenta a exportãço e esta vemol-a elevada á altura de *salvaterio* sem addiamentos.

Resta discutir apreciar o *modus faciendi.*

Proseguiremos.

CARTA DA FIGUEIRA

18 DE FEVEREIRO DE 1893.

Dissémos que o fraco exito da *Princeza* seria compensado pelo fiasco do *Principe Escarlate.* Não saiu perfeitamente exacta a nossa prophecia, mas se o fiasco não foi completo, a recita não correu pela maneira animada e enthusiasta que alguns querem dizer nem com a *magnifica* concorrencia que certo jornal affirma. A musica da peça estava menos mal ensaiada e fez bom effeito; o desempenho foi *clopin-clopant.* P. Correia parecia o sr. Barrilaro de barba loura e vestido de Mephistopheles para fazer figas aos salineiros cá da terra. J. Cardoso era um valete de espadas sem tirar nem pôr; não deu realce nenhum ao seu papel. A. Paz, bem. J. Mello deu-nos um bom Escala-favaes. P. Pippa parecia um *boneco dos premios* com oculos. O resto andou menos mal. A plateia muito fria o que não admira; é o que sempre acontece quando ha bilhetes de borla.

E a celebrada orchestra composta de rapazes *da nossa melhor sociedade?* que n'um dos intervallos mimoseou o publico com uns *roncos* que os nossos jornaes chamaram graciosa e paternalmente *musica infernal?* Foram surprehendentes de graça, de espirito e verve os taes da *nossa melhor sociedade.* Vimos lá, entre outros, um escrevente do tribunal, (!) e dois donos de *cafés (!!)* um raté e fóra de combate e outro dérate em plena actividade. E' isto que a imprensa local chama melhor sociedade! Comtudo é bom que se saiba que ha na Figueira gente um pouco differente da que formou a tal charanga.

A *pulha* d'entrudo que mais sensação fez na Figueira foi um supplemento á *Correspondencia*, que vinha repleto de cousas inimitavelmente espirituosos! Era um cartucho de asneiras sortidas.

Nunca, nunca lemos uma mixordia tão ordinaria de parvoices impressas! Nós a principio julgavamos que andasse por alli mão do junior, mas não; o auctor da tal trapada é o grande secretario Zé Bentes! Viva! Pois poderá! Quem, senão um ginja d'aquella casta poderia juntar tanta tolice! Mas no nosso intimo ainda não acreditamos que fosse só o Bentes o auctor! Não, alli anda gente mais fina, cabeças fortes, cerebros potentes como o de Manuel Chimpanzé ou do Augusto das Tretas. Nós, em caso identico, se quizessemos ter espirito diriamos, por exemplo, que um dos actuaes vereadores morrera envenenado em virtude d'uma dentada que o Pança lhe déra andando a brincar. Ou que para fazer economias a Camara resolvera que cada vereador fossé á *tour de rôle* desempenhar um cargo de varredor, accendedor de candieiros, calceteiro, etc., e que o Manuel Chimpanzé fôra eleito por acclamação cabo de varredores ou director da carroça do lixo.

E muitas como estas, mas paramos aqui, d'outro modo a nossa prosa mais pareceria um artigo da *Correspondencia*, que nossa.

Tem-nos causado uma sincera alegria as correspondencias do Casal do Rato, Caniveta, etc. Ultimamente no *Operario*, lemos uma de Montemór que nós entendemos que deve ser incluida nos Logares Selectos dos Classicos para instrucção de nossos filhos. E' muito longa e não temos tempo para a analysar o que lamentamos. Fica para outra vez.

Buarcos e Maiorca tambem dão um bom contingente de babozeiras. Emfim são artigos e artigos esfusiantes de noticias e verve. A Figueira devia juntar á lista dos generos para exportação o seguinte titulo: Correspondentes de jornaes, muito fecundos, para informações vide os periodicos Figueirenses.

Mais um typo: bigode de piassaba n'uma casa de pau e o Zé do cano do seu partido.

D. P.

SECÇÃO AGRICOLA

A PODA E AS GEADAS

No ultimo inverno muitas cepas soffreram com as neves e geadas que cahiram em grande abundancia. Umas cepas são mais que outras sujeitas a estas intemperies, mas em geral todas as vinhas são damnificadas com a acção do frio intenso, e parece averiguado que as vinhas podadas antes das neves soffrem muito mais do que as que são podadas depois.

E' preciso, pois, por cautella, pôr de lado a poda do outomno, e se é absolutamente preciso abrir passagem por entre as cepas para effectuar as estrumações, escavas, tratamento de sulfureto, etc., podem desbastar-se as varas á tesoura e deixar o assentamento definitivo da poda para a primavera. Os enxertos novos tambem não devem ser podados senão na primavera e jámais devem passar o inverno descobertos da terra.

SECÇÃO LITTERARIA

ALMA ENFERMA

L. P. A. L.

Tua alma commovente, essa alma de crystal,
Um cofre puro e santo, um cofre virginal,
—Abrigo dôce e bom de puras illusões,
Não sabe já sorrir, não sabe já cantar...
—O lucto a revestiu de magoas e pezar,
O lucto a revestiu de pranto e commoções!

Tendo perdido o amôr d'um ente que morreu,
D'um ente casto e bom que d'illusões viveu,
No teu peito febril acerba dôr brotou!...
Tua alma, como a luz que perde o seu fulgor,
Perdeu a santa crença—a crença do amor,
E, tremula, febril, sem crenças, enfermou!

1—2—93.

Arthur d'Araujo.

BIBLIOGRAPHIA

Da Companhia Nacional Editora acabamos de receber o fasciculo n.° 58 do *Egypto* a edição luxuosa de Jorge Ebers; um novo fasciculo da preciosa Historia da Revolução de Setembro, e o numero 331 da *Moda Illustrada*, adornada com gravuras coloridas e acompanhada de folha de moldes, que muito agradecemos.

mesmo que se acha no artigo antecedente para o que darão as ordens mais terminantes a todas as suas forças.

Art. 8.° Relativo á defeza do Douro o general em chefe manifestará suas idéas amplamente em uma carta que dirigirá ao general Guedes.

Art. 9.° Em virtude do espirito generoso que preside a esta alliança o general em chefe realista, e o governo do Porto se prestaram muitos soccorros de todo o genero.

Art. 10.° O governo provisorio do Porto não ultimará transacção alguma com o governo de Lisboa sem que a Junta Realista seja previamente ouvida.

Art. 11.° Será livre a ambas as Juntas alliadas toda a compra de armamentos, equipamentos, fardamentos, utensilios, viveres, e munições de guerra em qualquer parte do paiz, ou esteja occupada pelas forças da Junta Realista, ou pelas forças da Junta do Porto.

Art. 12.° Todos os artigos supra-referidos serão religiosamente observados, e no caso da menor infracção ficará esta alliança rota, e nulla. Guimarães 12 de janeiro de 1847, dr. *Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima.*

Esta resposta equivalia a uma recusa, e é facil vêr que não podia ser bem acolhida pela Junta proviseria. Romperam-se as negociações, e o general Mac Donnel moveu-se sobre Villa Real com alguma força ficando o resto desde Guimarães até Ponafiel. O sr. Victoria ausentou-se do Porto, e appareceu pouco depois ao serviço da rainha sob as ordens do sr. duque de Saldanha.

Por este tempo pouco mais ou menos a Junta nomeou tenente general ao sr. Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho o Povoas *pela sua adhesão á causa da liberdade, e á dynastia reinante:* n'este sentido fez s. ex.ª uma proclamação, e prestou á Junta os valiosos serviços que todos sabem, e isto quando a bandeira do sr. D. Miguel se achava ainda hasteada por Mac-Donnel.

Morto Mac-Donnel o sr. Bernardino Coelho Soares de Moura, em quem vinha a recahir o commando das forças realistas, depois de algumas conferencias com o sr. Cesar de Vas-

concellos annuiu a unir-se á Junta do Porto debaixo da bandeira liberal, mandou tirar as fitas vermelhas ás forças do seu mando, prohibiu o toque dos hymnos realistas, e entrou em Guimarães onde estava a Junta realista, ou antes o sr. Candido que a representava.

Chegado alli fez intimar o sr. Candido para que saisse da villa, e pôde com a sua presença de espirito evitar as desordens, e attentados que a divergencia de vontades ácerca da união parece esteve a ponto de produzir. Parte das forças que estavam em Guimarães não quizeram unir-se á Junta do Porto, e ou se dispersaram, e recolheram a suas casas, ou foram para Vieira aonde poucos homens se conservavam ainda pelo sr. D. Miguel. Coube depois aos voluntarios de Guimarães e Fafe combater e fazer acabar aquelles restos da insurreição. O sr. João de Lemos, que parece não era partidario da união, veio para o Porto d'onde partiu para Inglaterra.

A Junta admittiu então na 4.ª secção do exercito, e nas patentes que elles tinham em maio de 1834 aquellos officiaes realistas, que se apresentassem ao seu serviço dentro do certo, e determinado tempo; e quasi no fim da lucta desejando dar-lhes um testemunho de como sabia avaliar a fidelidade, e denodo com que se conduziram passou-os á effectividade, e pediu para elles na Convenção de Gramido o que entendeu lhes era devido.

A estas concessões parece se recusára o sr. duque de Saldanha dizendo ao coronel Wylde que que *isso seria premiar a rebeldia;* e tambem se oppoz o general Concha por que devendo tal concessão augmentar a despeza publica, não seria legal fazel-a se não em côrtes.

Taes foram os successos que tiveram lugar antes, e depois da adhesão dos realistas insurgentes á Junta do Porto. A Junta empregando todos os exforços para fazer entrar no gremio da familia liberal tantos portuguezes cuidou de certo fortalecer o throno, e as instituições: a sua fidelidade dynastica consignada em todos os documentos da Junta foi o unico embaraço que retardou a união, e quando ella se fez, não faltou nhas deligencias, e de outras pessoas para fazer acabar aquelle movimento foram ainda então infructuosas.

Depois do desastre de Torres Vedras appareceram no Porto os senhores João de Lemos Seixas Castello Branco, e Antonio Marcellino de Victoria authorisados por muitos realistas para tratar com a Junta.

A Junta sem procurar saber até que ponto era larga aquella authorisação recebeu-os, e ouviu-os. Perante ella pediram aquelles senhores que se acclamasse o sr. D. Miguel, e offereceram n'esse caso a cooperação de todos os realistas.

A Junta recusou-se a esta proposta: disse-lhes que ella proclamára desde o começo em nome da nação, e da rainha, que n'este sentido fora obedecida por todo o reino excepto por Lisboa, Elvas e Chaves, e poucas terras mais, e que ella faltaria ao mandato approvado por aquelle consentimento, e coadjuvação dos povos, se arvorasse outra bandeira, além de que todos os homens de que se compunha a Junta, o seu exercito, os seus principaes amigos, e auxiliares eram liberaes, e liberaes da dynastia da sr.ª D. Maria II, mas que faria em favor dos realistas como portuguezes tudo quanto podesse caber dentro dos limites que a honra, e o dever assignalavam a qualquer transação n'esse sentido.

Por esta occasião escreveu-se um papel contendo os principios que deviam servir de base a uma convenção possivel. E' o seguinte segundo se lê no Diario do Governo n.° 29 de 3 de fevereiro de 1847.

«A conveniencia, e necessidade de debellar a facção de Lisboa é commum ao partido liberal, e realista.

Mas a maxima parte da nação tem reconhecido a Junta Provisoria do Governo do Porto, e está na sua obediencia, assim como não ha outro algum partido em campo que possa com as suas forças e recursos.

A Junta admitte a coallisão de todos os partidos contra o inimigo commum, mas não póde abandonar nem atraiçoar a sua missão, que é centralisar todos os interesses no grande fim de salvar a liberdade do paiz.

Se o partido realista quizer ajudal-a n'este presuposto,

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

XAFREDO & FILHOS
RUA NOVA DO ALMADA, 64
LISBOA

Alfayates premiados em todas as exposições. Fazendas de completa novidade em lã, linho e seda. Especialidade em todos os artigos de **Sport.**

O maior e mais completo sortimento de utensilios para esgrima, fornecimentos para clubs e salas d'armas. Carabinas para carreira de tiro e salão. Diversos systemas de construcção d'apparelhos para gymnastica e de gymnasio completos.

Fornecem-se todos os esclarecimentos e preços correntes a quem os pedir.

CASA FUNDADA EM 1850

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE
FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS
CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.°
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala, e por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

LICOR do Dr LAVILLE GOTTA RHEUMATISMOS

Especifico provado da **GOTTA** e dos **RHEUMATISMOS,** acalma as dôres as mais fortes. Acção prompta e certa em todos os periodos do accesso.
F. COMAR & Filho, 28, Rue Saint-Claude, PARIS.
VENDA POR MIUDO. — EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.° 10

FAZ-SE publico que no dia 23 do corrente mez, na parada interior do quartel do supradito regimento, pelas 11 horas da manhã, uma commissão procederá á venda em hasta publica da machina de costura em cargo a este regimento, em conformidade com a ordem da Direcção da Administração militar de 10 do corrente.

Quartel em Aveiro, 16 de fevereiro de 1893.

O secretario da commissão,
João Maria Lopes
tenente.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e, que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS E BOMBAS
PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto,* está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker,** no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot.** estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.° 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

se roga queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.°—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.° numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

O ADVOGADO
BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.° 17, 1.°—em Lisboa.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.°—LISBOA

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS : 600 Reis. — PÓS : 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CASA AFRICANA
TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA
TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41
BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA
900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.°—PORTO

E NAS LIVRARIAS

FILTRO CHAMBERLAND
SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

Consultorio Medico-Cirurgico
—DE—
Molestias de Senhoras e Creanças
DAS MEDICAS
Laurinda de Moraes Sarmento e Aurelia de Moraes Sarmento

Consultas das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579—RUA DO ALMADA—579
PORTO

DIRECTOR TECHNICO—E. ESTACIO

NÃO MAIS O ENXOFRE SO
CONTRA O MILDIU E O OIDIUM AO MESMO TEMPO
EMPREGUE-SE O **Enxofre composto**—ESTACIO

Empregava-se o enxofre só nas vinhas, quando estas eram atacadas sómente pelo **Oidium.**

Como agora são tambem atacadas pelo **Mildiu,** o nosso director technico, na sua qualidade de chimico e possuindo propriedades importantes de vinhas, estudou e applicou uma composição de enxofre com o fim de combater AO MESMO TEMPO os dois grandes males: o **Mildiu** e o **Oidium.**

E tão surprehendentes e extraordinarios foram os resultados da applicação do seu enxofre composto, que as suas vinhas parecem transformadas, o que é de publica notoriedade nos sitios das propriedades, e algumas pessoas, que tambem o applicaram, obtiveram o mesmo resultado, e não deixam de o empregar, como o certificam muitos attestados.

MODO DE EMPREGAR

Applica-se com as enxofradeiras, da mesma maneira que o enxofre simples, uma vez nos principios de maio, outra pouco antes da florescencia, depois mais 2 ou 3 vezes, com intervallos de 3 a 4 semanas, podendo por ultimo, quando não ha a receiar o oidium, empregar-se o **Pó anti-mildiu Estacio** em vez do **Enxofre composto Estacio,** por ser muito mais barato.

É sempre utilissimo fazer a applicação do **Enxofre composto Estacio,** embora não seja nas épocas indicadas, ou se tenha deixado de fazer alguma applicação.

O **Enxofre composto Estacio,** custa muito pouco mais do que o enxofre simples.

Vende-se em saccas ou a granel. Recebem-se as saccas a razão de 80 réis.

Lisboa—Fabrica da Companhia, Campo Pequeno, 17, ou na séde, Rocio, 59, 1.° e no Centro Agricola Industrial, Arco da Bandeira, 12.
Santarem—Sr. Joaquim Augusto Xavier Ramos, rua de S. Nicolau.
Figueira—Sr. Modesto Augusto Martins.
Bombarral—Sr. José Maria Duarte.
Portalegre—Sr. José Augusto de Pina Carvalho.
Abrantes—Sr. Manuel Dias Pinheiro.
Torres Vedras—Sr. Joaquim Pedro Marques.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz. — Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

com a mair satifação e reconhecimento acceitará a Junta a sua cooperação e apoio.

De futuro ficará livre ao partido realista proceder como entender conveniente. Se quizer continuar n'esta alliança de nacionalidade gosará sem differença de todas as garantias de que gosa o partido liberal, e entrará nos postos e empregos para que se ache habilitado, e a antiga officialidade realista gosará das vantagens a que suas antigas patentes lhes derem direito.

Se entender porém que lhe não convém continuar nos principios de fusão poderá considerar-se desligado da coallisão desde o momento em que a facção de Lisboa fôr debellada—bem entendido que os factos anteriores não servirão de base a procedimento algum de parte a parte.—Porto 6 de janeiro de 1847.—*Antonio Luiz de Seabra.*»

Os srs. Antonio Joaquim Guedes d'Oliveira e Silva, e João de Lemos Seixas Costello Branco foram a Margaride aonde estavam os srs. Candido, e Mac-Donnel, e voltaram com a resposta que tambem se lê n'aquelle numero do *Diario do Governo,* e é como segue:

«A Junta Realista viu com muita satisfação, e poseu devidamente a manifestação dos desejos de alliança que por parte da Junta do Porto lhe foi apresentada, por isso que a Junta Realista considera que a dita alliança tem por base o grande principio da nacionalidade; e por fim commum a destruição da facção de Lisboa.

A Junta Realista tendo mais que tudo a peito a união da familia portugueza qualquer que seja a bandeira politica, a que as suas fracções se achem ligadas, não podia deixar de prestar-se a um passo que tanto facilita essa união, mas présa com preferencia o encetal-a com aquella das fracções politicas por quem sempre os realistas nutriram sympathias as mais pronunciadas.

A necessidade da proposta alliança é tão reconhecida pela Junta do Porto como pela Junta Realista, e com quanto esta muito desejasse *que a alliança chegasse ao ponto da ver-*

INDICE
DAS
Publicações reimpressas n'este tomo

Biographia de José da Silva Carvalho..... *pag.* 5
Synchronismos do Reinado de Maria II..... *pag.* 23
Agostinho José Freire..... *pag.* 81
Discurso de Manuel Passos na sessão da camara dos deputados de 18 de outubro de 1844..... *pag.* 97
Quadro politico historico e biographico do parlamento em 1842..... *pag.* 179
Necrologia politica—Artigos de José Estevão... *pag.* 267
O juramento dos deputados realistas, por A. A. Teixeira de Vasconcellos..... *pag.* 297
O conde de Thomar e o duque de Saldanha..... *pag.* 315
Reflexões ácerca das demissões dadas ao marechal do exercito duque de Saldanha..... *pag.* 479
Desesperação de Costa Cabral..... *pag.* 503
O accordo da nação..... *pag.* 511
Os dois dias d'outubro ou a historia da prerogativa *pag.* 527
Apontamentos para a biographia do cidadão José da Silva Passos..... *pag.* 655
Succinta narração das circumstancias que precederam e seguiram a união dos realistas insurgentes com a Junta do Porto, por A. A. Teixeira de Vasconcellos..... *pag.* 683

nenhuma circumstancia para que fosse bem claro, e patente o porque, e para que se fizera.

Se a união prejudicasse os direitos da Rainha não havia razão para que alguns realistas a regeitassem: as proprias auctoridades do governo de Lisboa deram o movimento realista por findo com a resolução do sr. Bernardino, e com os acontecimentos de Guimarães: é explicito a esse respeito um officio do sr. José Cabral Teixeira de Moraes então governador civil de Villa Real referindo aquelles successos (Diario do Governo n.° 46 de 23 de fevereiro de 1847).

No tempo que decorreu desde a união até ao acabamento da guerra a Junta recebeu dos chefes, e officiaes realistas as mais decididas provas de fidelidade, de denodo, e de patriotismo não havendo nenhuma occorrencia desagradavel entre soldados ainda ha pouco inimigos, nem o menor receio da lealdade dos chefes. A virtuosa abnegação d'estes chegou a ponto de regeitar commandos importantes para que se lhes não attribuisse o pensamento de adquirir influencia em proveito das suas antigas pertenções.

daleira fusão, respeita tanto as crenças alheias quanto conserva as suas em toda a pureza dos seus principios capitaes.

A Junta Realista reconhecendo que não é em presença do lastimoso estado do paiz, nem, perante a urgencia de debellar um bando faccioso, *que convém discutir questões dynasticas* porque a salvação da patria é a primeira de todas as questões, reservam todavia para o futuro demonstrar que não é uma paixão, mas um principio o que dirige e tem dirigido todos os bons realistas.

Assim pois, e debaixo de tão patrioticos desejos a Junta Realista procurou saber a opinião dos cavalheiros destinctos e das influencias natas das diversas localidades, e tendo a fortuna de os encontrar unanimes na approvação d'esta alliança lisongea-se de que a sua resolução represente hoje a maioria da nação portugueza.

Os artigos que a Junta Realista julga necessarios, e indispensaveis para a projectada alliança são os seguintes:

Artigo 1.° As forças realistas operaram contra o inimigo commum (o governo de Lisboa) debaixo da sua bandeira privativa, e por ordem das suas auctoridades, e chefes.

Art. 2.° A Junta do Porto obriga-se a deffender aquella cidade até á ultima, e pelo menos tres mezes.

Art. 3.° A mesma Junta do Porto porá á disposição do general realista 500$000 cartuchos no ponto ou pontos que indicar.

Art. 4.° A dita Junta do Porto fornecerá os armamentos e correames de que possa dispôr, e com a maior brevidade possivel, e o mesmo se entenderá a respeito do equipamentos de cavallaria.

Art. 5.° O general em chefe realista ficará livre para operar como lhe parecer conveniente.

Art. 6.° O general em chefe realista promette debaixo da sua palavra de honra não hostilisar qualquer força pertencente á Junta do Porto com tanto que não empeça seus movimentos.

Art. 7.° A Junta do Porto obriga-se reciprocamente ao